

Dyeinne Pereira Fernandes

**Hábitos de leitura e o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura nas
percepções de si e da carreira**

Uberlândia

2022

Dyeinne Pereira Fernandes

Hábitos de leitura e o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura nas percepções de si e da carreira

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia. Orientador(a): Profa. Dra. Lígia Carolina Oliveira Silva

Uberlândia

2022

Dyeinne Pereira Fernandes

Hábitos de leitura e o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura nas percepções de si e da carreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Carolina Oliveira Silva

Banca Examinadora

Uberlândia, 16 de agosto de 2022

Profa. Dra. Lígia Carolina Oliveira Silva (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Dra. Elziane Bouzada Dias Campos (Examinadora)

Rede Gerir COM Pessoas

M.a Neftali Beatriz Centurion (Examinadora)

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP-USP

Uberlândia

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às queridas Ligia e Rafaella, que caminharam ao meu lado na construção desse projeto. E a cada uma das participantes do clube de leitura por generosamente terem partilhado conosco do seu tempo e da sua sensibilidade para refletirem sobre o impacto de ler mulheres nas suas vidas e carreiras.

AGRADECIMENTOS

Escrever essa monografia foi preenchido por vários sentimentos, um deles que me pegou de surpresa enquanto escrevia e que gostaria de compartilhar foi o de sororidade. Apesar de eu ter convicção de que qualquer trabalho é feito à muitas mãos, quando escrevia os resultados dos estudos que realizei, me senti ainda mais conectada com o trabalho que outras mulheres fizeram antes de mim. Me perguntava como pode mulheres que nunca se conheceram, separadas por décadas, dialogarem e estarem tão afinadas? E hoje eu tenho consciência que isso é possível porque a escrita e a leitura são um legado capaz de transpor o tempo e o espaço, tem poder de construir realidades, legitimar visões de mundo, criar inúmeras descrições de vida e do que é ser mulher; por isso acredito que precisamos ler mulheres e tanto quanto ler, é preciso que nós tomemos o nosso lugar nesse ofício da escrita. Ela é sobretudo, sobre nós e nossa própria existência.

Como poeticamente escreveu Rupi Kaur (2018), as mulheres que vieram antes de mim abriram espaço para eu pudesse ver mais longe. E para além disso, as mulheres que li durante minha pesquisa, com seus trabalhos deram força para que essa pesquisa pudesse surgir; suas vozes, ideias e questionamentos foram uma companhia na busca de investigar sobre hábitos de leitura entrelaçada a mulheres e carreira, temas tão caros para mim e pouco estudados no Brasil. Diante disso, queria primeiramente agradecer minha orientadora, professora Dr^a Ligia Carolina, uma das poucas mulheres que pesquisam sobre gênero e carreira, e que abre espaço para que outras gerações de mulheres possam alcançar um lugar mais alto e ver mais longe.

Tive o privilégio de trabalhar com a Ligia em vários outros contextos na academia, e à medida que o tempo foi passando comecei a admirar sua sensibilidade conosco em sala de aula, nas supervisões e principalmente no grupo de estudo, pesquisa e extensão Trabalhando com as Marias. Tenho por experiência própria nesses últimos anos que estudar e pesquisar sobre gênero movimenta muito em nós, nas nossas certezas e na nossa visão de mundo. É preciso coragem, para continuar e confrontar a realidade assim como ela se apresenta em seus vários contextos, mas principalmente

naquelas onde somos minoria. Obrigada por ter me encorajado a estudar sobre gênero, a ir para a prática, e principalmente por ter cedido tantos espaços de fala, Lígia.

Meu agradecimento especial à Rafaella Vivenzio quem me convidou à essa jornada, idealizou comigo esse projeto e colaborou com sua execução do início ao fim e, para além disso tem sido constantemente minha parceira de interlocução na Psicologia e na vida. Ao meu amigo Victor Tomaz, que me deu a mão e fôlego para enriquecer esse projeto, com suas observações e contribuições sempre atentas, pertinentes e muito preciosas, além de claro por dividir essa etapa de conclusão de curso comigo, que é sempre permeada de angústias e incertezas, mas que com sua presença foi menos solitária.

A minha mãe Denilda, que tanto valoriza a Educação e sempre me incentivou a estudar. Por muitas vezes, ela se sentou comigo para estudarmos juntas as matérias que eu tinha dificuldade, sabendo ou não sobre as disciplinas; incentivou que eu fosse estudar fora e fizesse faculdade, ainda que isso significasse sair de casa cedo. Mãe, minha mais profunda gratidão, por nunca ter medido esforços para eu estar aqui e agora e por me permitir acessar tantos outros espaços que eram inacessíveis para nós.

Ao meu pai Helio, que apesar de todas as nossas diferenças é um dos meus maiores incentivadores, com quem sei que posso contar e me ensina tanto sobre família e presença. Ao meu irmão Alvim, que sempre me estendeu a mão, esteve ao meu lado em todas as etapas e compartilha comigo as dores e alegrias da vida.

Ao meu namorado Guilherme, por me ajudar a atravessar esses últimos dois anos de pandemia, com tanto cuidado e amor. Sua presença, apoio e colaboração foram muito decisivos para que eu conseguisse finalizar esse ciclo. À meus primos queridos Lia, Gabriel, Amanda e Adriano, e minhas amigas Rafaela Freitas, Bruna Fernanda, Bruna Leão, Nicolle Pires, Thaís Mendes e Laura França que são sempre uma presença constante na minha vida e me ajudam a contar e re-inventar tantas histórias e versões de mim.

EPÍGRAFE

*“me levanto
sobre o sacrificio
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além”*

(Rupi Kaur, 2018, p.213)

Resumo

A presente pesquisa realizou dois estudos, o estudo 1 representa um estudo exploratório, caracterizado por um mapeamento breve dos hábitos de leitura de estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19. Considerando os resultados obtidos, foi realizado o Estudo 2, que analisou o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura feminista nas percepções de si e da carreira. No mapeamento participaram universitários com 18 anos ou mais, no período de novembro a janeiro de 2020 e foi obtido um total de 120 respostas. No clube de leitura participaram ao todo 10 mulheres, no período de março a agosto de 2021, com idades entre 18 a 50 anos, sendo que apenas uma estava trabalhando, e 9 eram estudantes no momento da aplicação. Foram utilizados formulário online na plataforma Google Forms (estudo 1), Questionário Sociodemográfico, Questionário de Identificação feminista, Escala de Papéis de Gênero e Escala de Autoeficácia Profissional (estudo 2). Os resultados mostram que houve um aumento na quantidade de livros lidos durante a pandemia e, em relação ao gênero, as mulheres leem mais livros que os homens. No entanto, elas se recordaram de terem lido cerca de duas vezes mais livros escritos por homens do que por mulheres durante sua vida. No estudo 2 houve um aumento significativo na autoeficácia e mudança nos itens “autoconfiante” e “livre” dos papéis de gênero, porém, em relação à identificação feminista não foi possível interpretar profundamente os resultados obtidos, devido ao alto nível de identificação feminista inicial.

Palavras-chave: feminismo, clube de leitura, papéis de gênero, autoeficácia, identificação feminista.

Abstract

The present research carried out two studies, study 1 represents an exploratory study, characterized by a brief mapping of the reading habits of university students during the COVID-19 pandemic. Considering the results obtained, Study 2 was carried out, which analyzed the impact of women's participation in a feminist book club on self and career perceptions. University students aged 18 years or older participated in the mapping, from November to January 2020, and a total of 120 responses were obtained. A total of 10 women participated in the reading club, from March to August 2021, aged between 18 and 50 years old, only one of whom was working, and 9 were students at the time of application. An online form on the Google Forms platform (study 1), Sociodemographic Questionnaire, Feminist Identification Questionnaire, Gender Roles Scale and Professional Self-Efficacy Scale (study 2) were used. The results show that there was an increase in the amount of books read during the pandemic and, in relation to gender, women read more books than men. However, they recalled reading about twice as many books written by men as by women during their lifetime. In study 2, there was a significant increase in self-efficacy and a change in the items “self-confident” and “free” of gender roles, however, in relation to feminist identification, it was not possible to deeply interpret the results obtained, due to the high level of initial feminist identification.

Keywords: feminism, reading group, gender role, self-efficacy, social identity.

Lista de ilustrações

Figura 1. <i>Caracterização da amostra</i>	27
Figura 2. <i>Mapeamento de hábitos de leitura de estudantes universitários na área de Humanas</i>	29
Figura 3. <i>Mapeamento de hábitos de leitura de estudantes universitários na área de Exatas</i>	30
Figura 4. <i>Mapeamento de hábitos de leitura de estudantes universitários na área de Biológicas</i>	31
Figura 5. <i>Análise de gênero total das obras citadas</i>	31
Figura 6. <i>Análise de gênero das obras citadas apenas por mulheres</i>	32
Figura 7. <i>Análise de gênero das obras citadas apenas por homens</i>	32
Figura 8. <i>Ranking dos autores e autoras mais citados no estudo no geral</i>	33
Figura 9. <i>Ranking dos autores e autoras mais citados apenas por mulheres</i>	33
Figura 10. <i>Ranking dos autores e autoras mais citados apenas por homens</i>	34
Figura 11. <i>Bordado com a frase da Michelle Obama feito por uma das participantes do clube</i>	50
Figura 12. <i>Resultado da primeira aplicação do questionário de identificação feminista</i>	66
Figura 13. <i>Resultado da segunda aplicação do questionário de identificação</i>	67

Lista de tabelas

Tabela 1. <i>Formulário realizado no mapeamento</i>	28
Tabela 2. <i>Participantes do Clube de Leitura Feminista</i>	41
Tabela 3. <i>Resumo de atividades do Clube de Leitura Feminista</i>	42
Tabela 4. <i>Livros citados pelas participantes durante a apresentação</i>	46
Tabela 5. <i>Playlist Coletiva do Clube de Leitura Feminista</i>	54
Tabela 6. <i>Diferenças de média das variáveis e respectiva significância do Teste T antes e depois da participação no clube (N=10)</i>	64

Sumário

1	Introdução	13
2	Referencial teórico	17
2.1	Clubes de Leitura: Impactos na Percepção de si e do outro	17
2.2	Identificação Feminista e Papéis de Gênero	19
2.3	Comportamento de Carreira de Mulheres: Autoeficácia Profissional	24
3	Estudo 1: Mapeamento dos Hábitos de Leitura de Estudantes Universitários	
	Durante a Pandemia da COVID-19	26
3.1	Participantes	27
3.2	Instrumento	27
3.3	Procedimentos e análise de dados	28
3.4	Resultados	29
3.5	Discussão	34
4	Estudo 2: Clube de leitura feminista	38
4.1	Divulgação, inscrição e critérios de seleção	38
4.2	Participantes	40
4.3	Formato dos encontros	41
4.4	Atividades dos encontros	43
4.4.1	Contato inicial	43
4.4.2	Primeiro encontro	45
4.4.3	Segundo encontro	48
4.4.4	Terceiro encontro	53
4.4.5	Quarto encontro	54
4.4.6	Quinto encontro	57
4.4.7	Sexto encontro	58
5	Instrumentos	60
5.1	Identificação feminista	60
5.2	Papéis de gênero	61
5.3	Autoeficácia profissional	61
6	Procedimentos e análise de dados	62
7	Resultados	63

8	Discussão	66
9	Considerações finais	69
10	Referências	71
11	Apêndice	74
11.1	Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido	74
11.2	Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido	77
11.3	Apêndice C – Questionário sócio-demográfico	79
11.4	Apêndice D – Orientações para a convivência de grupo	80
11.5	Apêndice E – Desafio 1	80
11.6	Apêndice F – Desafio 2	81
11.7	Apêndice G – Desafio 3	82
12	Anexos	82
12.1	Anexo A – Questionário de Identificação feminista	82
12.2	Anexo B – Escala de Papéis de gênero	83
12.3	Anexo C – Escala de autoeficácia profissional	84

1 Introdução

Desde a infância somos introduzidos ao mundo das letras pela alfabetização e de forma contínua incentivados à leitura durante e após nosso processo de escolarização. Isso ocorre porque na sociedade moderna, a escrita e a leitura têm um peso importante e apresentam-se como um meio privilegiado de intercâmbio. Ler significa participar das relações sociais, comunicar-se, internalizar as normas e regras sociais, além de permitir se posicionar na autoria da própria narrativa e na garantia de uma cidadania plena (Maria, 2016).

Para Krug (2015), a leitura é responsável por despertar sentimentos e emoções, o que possibilita um espaço de possibilidades a serem elaboradas, quantas vezes se fizer necessário, considerando que o leitor a par de suas habilidades pode inferir, comparar, questionar, relatar e observar a essência de um material. Esses aspectos psicológicos da leitura também são evidenciados na Psicologia Cognitiva, de forma que a leitura de ficção, em especial, é a que melhor apresenta indicativos do desenvolvimento da empatia e da compreensão do outro, uma vez que esse tipo de literatura atua como uma possibilidade de explorar outros universos, histórias, culturas e vivências sem necessidade de ter vivido algo semelhante para compreender (Oatley, 2016).

De acordo com Oatley (2016), a ficção é a simulação do eu em interação, o que ajuda a explicar por que as pessoas que leem apresentam uma melhor compreensão do outro, além de uma maior abertura à mudança. Esses efeitos acontecem em virtude do engajamento nas histórias lidas, o que inclui o envolvimento emocional, e em parte com o conteúdo da ficção com personagens e circunstâncias complexas que podemos não encontrar na vida diária.

Outras características dos benefícios da leitura que a literatura científica apresenta é que o hábito de ler está relacionado a uma melhor qualidade de vida, desenvolvimento de habilidades, redução de estresse e proteção da mente contra o surgimento de doenças neurodegenerativas (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [PUCRS], 2020). A longo prazo, de acordo com Ivan Izquierdo, quem pratica o exercício da leitura - imaginação, mentalização, antecipação e aprendizagem - tem melhor memória quando envelhece (Bezerra, 2014).

Considerando os benefícios da leitura e da sua importância, observou-se durante a pandemia da COVID-19 a retomada do hábito de leitura (Organização das Nações Unidas Brasil [ONU Brasil], 2020). O aumento do hábito de leitura em 2020 foi registrado pelo 4º Painel do Varejo de Livros no Brasil em 2020, segundo o qual entre 23 de março e 19 de abril de 2020, os e-books e vendas on-line de livros físicos apresentaram aumentos significativos de procura. Além disso, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil contabilizou que a plataforma Estante Virtual, a qual congrega sebos e livrarias de todo o país, teve um aumento de 50% em abril, em comparação ao mesmo mês do ano anterior (Barbosa, 2020).

Compreende-se que a lacuna de tempo e ócio gerada pela pandemia do COVID-19, em parte em função da proibição de atividades públicas e que envolvessem aglomerações, permitiu que quem antes não tinha tanto tempo para se concentrar na leitura pudesse inserir o hábito na rotina ou adotá-lo como forma de entretenimento, conhecimento e/ou reflexão (PUCRS, 2020). Surge então o interesse em investigar os hábitos de leituras das pessoas, especificamente de estudantes universitários. Houve realmente um aumento na quantidade de livros lidos durante a pandemia por parte deste público? Quais livros estavam sendo lidos? Lia-se mais livros escritos por homens ou mulheres?

Neste contexto, é importante o recorte de gênero em função do fato de as mulheres terem sido restringidas historicamente de frequentar a escola e aprender a ler e escrever, o que as impedia de participar do universo das letras e dos debates da academia, perpetuando a tradição dos homens ocuparem o ofício da narrativa sobre si e sobre o outro, principalmente das minorias sociais. Em 1928 Virginia Woolf, ao ser convidada para discursar exclusivamente para mulheres sobre gênero e ficção nas faculdades inglesas de Newnham College e Girton College, já defendia que para escrever uma mulher precisaria ter um teto todo seu, um quarto, espaço livre de interrupções e desatenções, mas que de nada adiantaria sem recursos financeiros ou validação social (Woolf, 1928).

Logo, apesar de algumas mulheres conseguirem enfrentar as barreiras impostas e publicar seus livros, não recebiam reconhecimento ou visibilidade por suas obras. De acordo com Romanelli

(2014), apenas mulheres privilegiadas que tinham a chance de serem alfabetizadas costumavam escrever e trocar cartas, porém frequentemente usavam pseudônimos masculinos para publicar seus escritos.

Um reflexo da marginalização das obras escritas por mulheres é o Prêmio Nobel de Literatura, criado em 1901 e ainda vigente. Na categoria da literatura, dos 117 escritores laureados com o Nobel de Literatura, apenas 16 foram mulheres. No Brasil, o cenário tende a se repetir. Em um mapeamento dos personagens do romance brasileiro contemporâneo de 1990 a 2004 (Dalcastagnè, 2005), de um total de 258 obras, encontrou-se que 72,7% são de autoria de homens, 93,9% brancos, 78,8% possuem ensino superior, 36,4% são jornalistas, com média de idade de 50 anos, a maioria residente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Em relação aos personagens, 62,1% são homens e 37,8% são mulheres, sendo que em 15,9% das obras não existem personagens femininos importantes. Adicionalmente, apenas 3 protagonistas eram mulheres e negras. As mulheres são representadas principalmente no âmbito doméstico, sendo 25,1% das personagens dona-de-casa, 9,6% sem ocupação (não têm e não estão à procura de emprego) e o restante divididas entre algumas poucas categorias, como estudante e professora.

Em um segundo momento da pesquisa, Dalcastagnè (2007) analisou como a mulher é representada no romance brasileiro contemporâneo, abordando questões como corpo, sexualidade e maternidade. Os resultados apontaram que “as mulheres constroem uma representação feminina mais plural e mais detalhada, incluem temáticas da agenda feminista que passam despercebidas pelos autores homens e problematizam questões que costumam estar mais marcadas por estereótipos de gênero” (p. 130). Por isso, é tão importante que mulheres escrevam sobre suas experiências, vivências e construam suas narrativas, personagens e histórias.

Logo, percebe-se que, apesar do aumento progressivo da inserção das mulheres no mercado de trabalho, a realidade retratada nos romances pode ser muito diferente. Os estereótipos atrelados à figura feminina, como o da exclusividade do trabalho doméstico, da dupla jornada de trabalho e acúmulo de tarefas contribuem para o distanciamento da equidade entre os gêneros. Logo, a

realidade retratada na ficção pode acabar por refletir ou influenciar o mundo real, uma vez que na carreira das mulheres os estereótipos desencadeiam desigualdades na inserção profissional e desempenho, contribuindo para os preconceitos enfrentados cotidianamente pelas mulheres para se manter na profissão (de Lima, Barreto, da Silva, dos Santos & Silva, 2021).

Em 2014, surgiu o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014), proposto pela autora inglesa Joanna Walsh, que ficou conhecido mundialmente por incentivar a leitura de livros escritos por mulheres. Tal proposta serviu de inspiração para muitos movimentos, como o “Leia Mulheres” existente no Brasil, caracterizado por promover grupos de leitura de obras escritas por mulheres, de clássicas à contemporâneas. Observa-se, assim, uma constante busca pela devida valorização e visibilidade das mulheres no mercado editorial, muitas vezes desvalorizadas e silenciadas.

De forma análoga, a literatura científica aponta que outras estratégias usadas por mulheres são os clubes de leitura, espaços que existem desde o século XVII e contribuem para a articulação e organização cultural, política e social entre seus pares, além de ajudar a problematizar a desigualdade de gênero na literatura (Silva Xavier, 2018). A leitura compartilhada também ajuda as mulheres a imaginar e desenvolver suas identidades, especialmente como mulheres, pois o compartilhamento de experiências de vida entre mulheres é um facilitador para esse público dar-se conta que acontecimentos da vida particular são sociais e partilhados coletivamente (Long, 2003; Morgan, 1996; Williams & Witting, 1997). Pensando nisso, questiona-se: qual o impacto de ler livros escritos por autoras feministas na carreira de mulheres?

Na atualidade, percebe-se uma lacuna na literatura sobre o impacto da participação de mulheres em clubes de leitura e da leitura de livros escritos por mulheres nas percepções de si e da carreira, principalmente em espaços sociais como um clube de leitura. Compreendendo também que durante a pandemia da COVID 19 ocorreu um aumento do hábito da leitura, tem-se o interesse de fazer um mapeamento dos hábitos de leitura de estudantes universitários, com o intuito de compreender os hábitos de leitura e se há uma abertura desse público para participar de um clube de leitura.

Portanto, essa pesquisa se propõe a fazer dois estudos. O Estudo 1 tem como objetivo mapear os hábitos de leitura de estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19. O Estudo 2 tem como objetivo analisar o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura feminista nas percepções de si e da carreira. Para tanto, as variáveis papéis de gênero, identificação feminista e autoeficácia profissional foram consideradas, realizando-se comparações acerca de seus níveis antes e depois da participação no clube de leitura.

2 Referencial Teórico

2.1 Clubes de Leitura: Impactos na Percepção de si e do outro

Clubes de leitura contemporâneos têm suas origens relacionadas a grupos de estudos bíblicos, aos salões parisienses do século XVII e XVIII, e às mulheres brancas de classe média-alta. De acordo com Silva Xavier (2018), é por volta de 1800 que novos grupos vão sendo reorganizados em vista de interesses comuns voltados para as questões culturais, econômicas, políticas e sociais que as mulheres eram excluídas de participar. A potencialidade dos clubes de leitura, nessa época, girava em torno da criação de um vínculo de apoio, aprendizado e resistência entre as mulheres e com o tempo, também começou a ser levantada a pauta da conscientização política.

Nesse sentido, a conscientização política que alguns clubes de leitura apresentam se assemelham aos grupos de conscientização do início do movimento feminista contemporâneo. Para Hooks (2020), os Grupos de Conscientização (GC) foram dispositivos que tiveram seu início quando mulheres começaram a examinar o pensamento sexista e criar estratégias com as quais seria possível mudar atitudes e crenças por meio de conversão para um pensamento feminista e comprometido com políticas feministas.

Compreende-se que clubes de leitura se caracterizam por encontros regulares, que possibilitam a troca de experiências sobre livros e leituras selecionadas previamente por um mediador ou por votação. Já o GC representavam lugares nos quais mulheres liberavam a hostilidade e a ira por serem vitimizadas, expondo suas feridas e usando estes espaços como rituais

de cura (Hooks, 2020). Além de serem conscientizadas por outras mulheres, debatiam sobre questões relacionadas ao sexismo, dominação masculina, organizavam-se para criar um movimento de massa e, sobretudo, confrontavam sua própria socialização sexista.

Na estrutura dos GC (Hooks, 2020), o ponto central era o diálogo e a comunicação, de forma que as mulheres se revezavam para falar, garantindo que todas pudessem ser ouvidas. Ou seja, tinha como finalidade estabelecer um modelo não hierárquico e dar a todas as mulheres a chance de falar. As reuniões também tinham o caráter de discussões argumentativas, porque era uma maneira de elas buscarem compreender a natureza da dominação masculina. Em contrapartida, esses grupos tiveram como resultado alcançar e conscientizar mulheres sobre o patriarcado (sexismo institucionalizado), disseminar o conhecimento produzido e a construção de uma base acadêmica para o movimento feminista.

Quando o objetivo de criar um corpo teórico foi alcançado, os GC perderam seu fundamento na massa. Para Hooks (2020), essa é uma perda e tanto uma vez que:

“Significativamente, a intervenção mais poderosa feita por grupos de conscientização foi a exigência de que todas as mulheres confrontassem o sexismo internalizado, sua fidelidade a pensamentos e ações patriarcais e seu comprometimento à conversão feminista. Essa intervenção ainda é necessária. Ainda é o passo necessário para qualquer pessoa que escolha políticas feministas. É necessário transformar o inimigo interno antes que possamos confrontar o inimigo externo. O pensamento e o comportamento sexistas são as ameaças, os inimigos. Enquanto mulheres assumirem a bandeira de políticas feministas sem abordar e transformar seu próprio sexismo, o movimento ficará prejudicado” (p. 31).

Em vista do potencial que apresentavam os GC na visão de Hooks, questiona-se: Qual impacto na percepção de si e do outro tem se clubes de leitura assumissem posturas marcadamente políticas, como por exemplo, do movimento feminista? Poderiam esses espaços ser usados para mobilizar mulheres a respeito da desigualdade de gênero na literatura e, como consequência, da desigualdade de gênero na sociedade?

Uma iniciativa pioneira neste sentido é o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014), proposto pela autora inglesa Joanna Walsh, que ficou conhecido mundialmente por incentivar a leitura de livros escritos por mulheres. Tal proposta serviu de inspiração para muitos movimentos, como o “Leia Mulheres” existente no Brasil, caracterizado por promover grupos de leitura de obras

escritas por mulheres, de clássicas à contemporâneas. Entretanto, ainda são poucas as pesquisas que analisam a proposta, embora no exterior esse tema já esteja sendo investigado de forma sistemática (Long, 2003).

No Brasil, por exemplo, identifica-se que recentemente a própria ideia de Clube do Livro foi remetida a assinaturas mensais de livros pré-selecionados por uma editora ou curadoria especializada em determinado assunto (Silva Xavier, 2018). Contudo, isso conta de um movimento de individualização, de distanciamento da noção que o pessoal é político e a necessidade de posturas políticas em espaços como esse. Isto é importante porque, de acordo com Long (2003), participar de um clube de leitura é uma atividade dinâmica e social, uma forma das mulheres refletirem coletivamente sobre o significado de suas vidas e seu lugar na ordem social.

Além disso, a leitura compartilhada pode ajudar mulheres a imaginar e desenvolver suas identidades, especialmente como mulheres. Isso ocorre pois fazer parte desses grupos ajuda a pensar sobre seu lugar na sociedade (Long, 2003). O compartilhamento de experiências de vida entre mulheres é um facilitador para esse público dar-se conta que acontecimentos da vida particular são sociais e partilhados coletivamente (Morgan, 1996).

Portanto, a leitura compartilhada como possibilidade de pensar sobre o lugar social que as mulheres ocupam é significativamente importante. Ao mesmo tempo que possibilita a construção das identidades, proporciona às mulheres investigar crenças construídas a respeito dos papéis sociais dos homens e das mulheres. Para Eagly e Wood (2012), essa compreensão das raízes das assimetrias de papéis é uma das formas de se alcançar uma igualdade de gênero, uma vez que esse entendimento abre caminhos para que homens e mulheres ocupem uma gama mais ampla de papéis sociais.

2.2 Identificação Feminista e Papéis de Gênero

Papéis de gênero, identificação feminista e gênero são conceitos importantes dos estudos da Psicologia de Gênero, e começaram a ser desenvolvidos cientificamente nos anos 60 e 70. O conceito de gênero, a partir da década de 60, é concebido como resultado de forças sociais e

culturais que são aprendidas socialmente, a partir de prescrições consideradas apropriadas do ser masculino ou do feminino de acordo com as normas da sociedade, e internalizadas em padrões de comportamento enquadrados no gênero (Nogueira, 2001).

Posteriormente, Sandra Bem (1974), sugere que as pessoas podem possuir (porque aprenderam precocemente) características consideradas femininas ou masculinas (Nogueira, 2001). Na década de 80, Alice Eagly e colaboradoras interessadas em compreender o que causa diferenças sexuais e semelhanças de comportamento, encontram evidências a partir de meta-análises, que são os estereótipos sociais sobre gênero, ou crenças de papéis de gênero (Eagly e Crowley, 1986; Eagly e Steffen, 1986; Wood, 1987). Para Eagly, Wood & Diekmann (2000):

“As crenças que as pessoas mantêm sobre os sexos são derivadas de observações do desempenho de papéis de homens e mulheres e, portanto, refletem a divisão sexual do trabalho e a hierarquia de gênero da sociedade. Em sua forma abstrata e geral, *essas crenças constituem papéis de gênero* [grifo nosso] que, por meio de uma variedade de processos de mediação, promovem diferenças reais de comportamento” (p.124).

A partir dessa noção de papéis de gênero, Eagly inaugura a teoria do papel social, na qual entende que as diferenças sexuais e semelhanças de comportamento de homens e mulheres vem das crenças de papéis de gênero, que representam as percepções das pessoas sobre os papéis de gênero na sociedade. A maioria dessas crenças de gênero podem ser agrupadas em duas categorias: agênticas ou comunitárias. Agêntica é a categoria composta por características como magistral, assertividade, competitividade e dominância, já a categoria comunitária se enquadra nas características amigável, altruísmo, preocupação com os outros e expressão emocional (Eagly & Wood, 2012).

Historicamente, homens são associados às características agênticas e as mulheres, às características comunitárias. Essas crenças estereotipadas têm sua origem em três características da estrutura social: (a) a divisão do trabalho entre provedores e donas de casa, (b) a distribuição dos sexos em ocupações remuneradas dominadas por homens e por mulheres, e (c) a hierarquia de gênero, também denominada de estrutura patriarcal, pela qual os homens são mais propensos do que as mulheres a ocupar papéis de alto status (Eagly et al., 2000; Eagly & Wood, 2012). Essas crenças

fazem parte de um processo cognitivo chamado de inferência, portanto, não são arbitrárias, ocorrem espontaneamente e são difundidas com frequência.

Outro catalisador da teoria do papel social foi a compreensão de que os autoconceitos das pessoas tendem a ter conteúdo estereotipado de gênero. Isso implica que em graus variados, as pessoas internalizam os papéis de gênero como identidades pessoais de gênero, desta forma, homens e mulheres regulam seu próprio comportamento para corresponder a essas identidades. Socialmente, pesquisas apontam que tanto mulheres quanto homens normalmente são recompensados por outras pessoas por se conformar aos papéis de gênero, e penalizados por se desviarem deles (Eagly & Wood, 2012). No entanto, para as autoras, à medida que as mulheres conseguem assumir papéis não-tradicionais, as pessoas são capazes de desenvolver novas crenças sobre os atributos das mulheres, uma vez que essas crenças refletem em parte o desempenho do papel de gênero.

Em contrapartida dos papéis de gênero, o modelo de desenvolvimento da identidade feminista foi originado, em parte, da teoria de Cross (1971) sobre o desenvolvimento da identidade negra, sendo baseado na noção de que as mulheres precisam primeiro reconhecer o preconceito e a discriminação em suas experiências de vida, para então lutar e alcançar uma identidade feminista. O desenvolvimento da identidade feminista para mulheres é constituído por cinco etapas, sendo elas: “Aceitação Passiva”, “Revelação”, “Envolvimento-emanção”, “Síntese e “Compromisso Ativo” (Downing & Roush, 1985).

No estágio da “Aceitação Passiva”, as mulheres acreditam, de forma inconsciente ou explícita, nos papéis de gênero tradicionais atribuídos às mulheres e negam a discriminação sofrida por elas. O estágio seguinte (Revelação) ocorre quando as mulheres passam por uma série de crises desencadeadas pelo confronto pessoal com a discriminação, levando ao questionamento aberto de si e sentimentos intensos de raiva e culpa, passando a perceber os homens como inimigos. O terceiro estágio, denominado “Envolvimento-Emanção”, é caracterizado pelo aumento da interação das mulheres com outras mulheres, fortalecendo assim a sua nova identidade, e eventualmente passa

também a ser mais cautelosa em suas interações com os homens, ou seja, seus pensamentos são menos dicotômicos e mais relativistas. O penúltimo estágio, "Síntese", é marcado pelo desenvolvimento de uma identificação positiva com o feminismo, além de uma concepção pluralista dos papéis sociais, na qual os homens são avaliados individualmente. "Comprometimento Ativo" é o último estágio e trata da consolidação da identidade feminista, do compromisso com ações coletivas que busquem mudanças sociais e da participação ativa no movimento.

Para Downing e Roush (1985), a transição do estágio da "Aceitação Passiva" para a "Revelação" é gradual e conturbada. É necessária a aquisição de recursos internos como confiança nas próprias percepções para começar o processo de autoquestionamento, no intuito de realizar a transição para o estágio seguinte. O fato de progredir um estágio não garante que não se possa regredir a estágios anteriores; além disso, a teoria sugere que as mulheres que progridem de um estágio para o próximo podem ter sentimentos de perda ao enfrentarem novas situações.

Apesar do modelo de Downing e Roush (1985) ser muito utilizado, é preciso levar em conta seus limites, como diferenças de classe, idade, raça e etnia no desenvolvimento de uma identidade feminista. Deve-se também considerar a influência de fatores intrapessoais, interpessoais, institucionais e culturais no processo que impedem o progresso entre as fases, além da necessidade de pesquisas para embasar o modelo e a articulação entre a proposta e outras teorias de desenvolvimento. Liss, O'Connor, Morosky e Crawford (2001), por exemplo, também encontraram em sua pesquisa que os estágios de "Revelação" e "Envolvimento/Emanação" são preditores mais fortes da identificação feminista, diferente os dois últimos estágios, conforme preconizaram Downing e Roush (1985).

Outros estudos também se preocuparam em responder o que faz uma mulher se declarar como feminista (Williams & Witting, 1997; Liss et al., 2001), assim como de que forma a exposição facilita a autoidentificação como feminista (Reid & Purcell, 2004) e qual impacto de se autorrotular feminista. Os fatores que levam uma mulher se declarar feminista estão relacionados a menos crenças conservadoras, apresentar avaliação positiva do feminismo, apresentar avaliação geral

positiva das feministas e endossar itens nos estágios de Revelação e Incorporação/Emanação do desenvolvimento da identidade (Liss et al., 2001). Para as autoras, as mulheres que se declararam feministas também eram mais propensas a acreditar na ação coletiva e segurar ideologias liberais, radicais e feministas. Contudo, elas eram menos propensas a acreditar que uma feminista é lésbica, por exemplo, e a acreditar na existência de uma meritocracia.

A literatura indica, ainda, que apesar de haver mulheres que acreditam na ação coletiva e apresentam ideologias feministas, elas ainda podem ter uma avaliação geral negativa das feministas, o que as levaria a participar de ações feministas, mas não se autoidentificar como feministas (Liss et al., 2001). De acordo com Williams e Witting (1997), a categoria de “eu não sou feminista, mas...” ocorre porque apoiar e acreditar no feminismo não abrange totalmente a identificação feminista, uma vez que essas ações se apresentaram tanto em mulheres que se identificam socialmente com o movimento quanto nas que têm uma orientação pró-feminista, mas não se denominam como feministas.

No entanto, o ato de se autodeclarar feminista está altamente associado com o aumento de participação ativa no movimento, de forma que as mulheres que endossam o rótulo de feminista se envolvem em mais ações feministas do que as mulheres que não se autodeclaram feministas (Yoder, Tobias & Snell, 2011). Isto reforça a importância de se declarar como feminista, reconhecendo-se como parte do grupo e que as mudanças precisam se pautar por meio de ações sociais. Além disso, a exposição ao feminismo e a opinião positiva do movimento feminista contribui para a identificação feminista (Liss et al., 2001), o que corrobora para ofertar espaços como, por exemplo, do clubes de leitura com pautas marcadamente políticas e analisar seu impacto da participação de mulheres nas percepções de si e de sua carreira.

Neste contexto, é preciso também se atentar às noções de como papéis de gênero influenciam a identificação feminista e vice-versa, já que ter uma noção mais flexível de papéis de gênero (Morgan, 1996) e discordar de ideias e atitudes conservadoras (Liss et al., 2001) contribuem para que a mulher se identifique com o feminismo. Na busca de uma compreensão mais ampla, se

for tomada como base a Teoria Social Cognitiva, outro aspecto interesse de ser investigado são as crenças de auto-eficácia, uma vez que evidências têm sustentando que elas influenciam praticamente todos os aspectos das vidas das pessoas (Pajares & Olaz, 2008).

2.3 Comportamento de Carreira de Mulheres: Autoeficácia Profissional

Bandura e Walters, com base na Teoria da Aprendizagem Social, teve como foco de estudo o desempenho dos modelos sociais no funcionamento humano. Posteriormente, as contribuições desse estudo foi a noção de as pessoas têm mecanismos auto-organizadores, proativos, auto-reflexivos e auto-reguladores, isso faz com que elas criem e desenvolvam percepções pessoais sobre si mesmos, as quais se tornam recursos pessoais e podem exercer controle no seu próprio ambiente (Bandura, 1999). Uma década depois, a partir dessa noção de homem que tem grande influência dos processo cognitivos na construção da realidade, em auto-regular-se, codificar informações e executar comportamentos surge a Teoria Social Cognitiva (TSC) de Albert Bandura

Em contraste com outras perspectivas epistemológicas em que os organismos são indeterminados, orientados por forças ambientais ou impulsos inconscientes, na TSC, entende-se que os determinantes do funcionamento humano são de três ordens: 1) fatores pessoais, na forma de cognições, afetos e eventos psicológicos, 2) ambiental e 3) comportamental (Bandura, 1986). Seus pressupostos se baseiam em uma noção de agência humana:

“...os indivíduos são *agentes* [grifo do autor] que podem fazer coisas acontecerem com seus atos e se envolvem de forma proativa em seu próprio desenvolvimento. Fundamental a esse sentido de agência, há o fato de que, entre outros fatores pessoais, os indivíduos possuem autocrenças que lhes possibilitam exercer um certo grau de controle sobre seus pensamentos, sentimentos e ações” (Pajares & Olaz, 2008, p. 99).

Dessa forma, na visão social cognitiva, o ambiente e os sistemas sociais, assim como as condições socioeconômicas, educacionais e familiares, afetam o comportamento ao influenciar as aspirações profissionais, autoconceitos, padrões sociais, estados emocionais, atitudes e outras influências auto-regulatórias das pessoas (Pajares & Olaz, 2008). Além disso, para os autores, as pessoas têm também a capacidade de planejar estratégias que podem prever as consequências de uma ação, adquirir novos conhecimentos a partir do pensamento reflexivo, aprender pela

observação de outras pessoas e resolver problemas cognitivamente, o que faz os indivíduos capazes de autoavaliar-se e alterar o seu pensamento e seu comportamento.

O conceito de autoeficácia apresenta diferentes propostas ao longo do trabalho de Bandura, mas considera-se que a definição atual (Bandura, 1997) de autoeficácia refere-se às crenças pessoais em relação à própria capacidade de organizar e executar cursos de ação requeridos para produzir certas realizações (Ambiel & Noronha, 2012). Sabe-se também que as crenças de autoeficácia estão intrinsecamente relacionadas à motivação, uma vez que orientam as escolhas das atividades a serem executadas e das estratégias possíveis para se atingir determinado objetivo. Da mesma forma, assim como determina quanto esforço será necessário, o tempo de perseverança e resiliência, o quanto de estresse e depressão e, por último, como será o desempenho (Ambiel & Noronha, 2012).

A respeito do desempenho, importante destacar que evidências recentes nesse campo têm apontado que mulheres, em diferentes áreas e independente da idade, têm apresentado baixos níveis de autoeficácia em comparação aos homens (Figueiredo & Maciel, 2018; Falco & Summers, 2019; Rossi, Trevisol, Santos-Nunes, Dapieve-Patias & Hohendorff, 2020). Isto implica em vários aspectos e têm consequências importantes na carreira das mulheres. A primeira delas é que a autoeficácia está relacionada à autorregulação (ou seja, estabelecimento de metas, uso de estratégias de aprendizagem eficazes e avaliação de suas metas) e à criação de ambientes de aprendizagem adaptáveis, além de que a autoeficácia pode influenciar as escolhas que as pessoas fazem e os cursos de ação que seguem (Falco & Summers, 2019; Pajares & Olaz, 2008).

Por esses motivos, é pertinente mapear os hábitos de leituras de estudantes universitários para conhecer o perfil de leitura e se a proposta é também de interesse da comunidade. Posteriormente, avaliar-se-á o impacto da identificação feminista, papéis de gênero e autoeficácia de mulheres em função da participação em um clube de leitura. Uma vez que espaços como estes representam uma possibilidade para as mulheres pensarem sobre si (individualmente) e sobre ser mulher (coletivamente), espera-se que venham a se tornar recursos pessoais e/ou exercer controle no próprio ambiente, possibilitando mudanças significativas para o referido público. Sendo assim, a

seguir, são apresentados os estudos realizados que contemplam tais premissas. O primeiro representa um estudo exploratório, caracterizado por um mapeamento breve dos hábitos de leitura de estudantes universitários. Considerando os resultados obtidos, foi realizado o Estudo 2, que analisou o impacto de uma intervenção, isto é, a participação em um clube de leitura, em percepções de si e da carreira em mulheres.

3 Estudo 1: Mapeamento dos Hábitos de Leitura de Estudantes Universitários Durante a Pandemia da COVID-19

O estudo 1, que será apresentado a seguir, teve como objetivo mapear os hábitos de leitura de estudantes universitários. Tendo em vista que durante a pandemia da COVID-19 notou-se um aumento significativo do hábito de leitura. Neste sentido, o interesse do estudo teve como foco investigar os hábitos de leitura das pessoas, especificamente de estudantes universitários. O que apontou que as mulheres universitárias leem mais, mas predominantemente obras escritas por homens, o que é confirmado na análise de obras declaradas como lidas ao longo da vida, e com grande influência do mercado editorial tradicional.

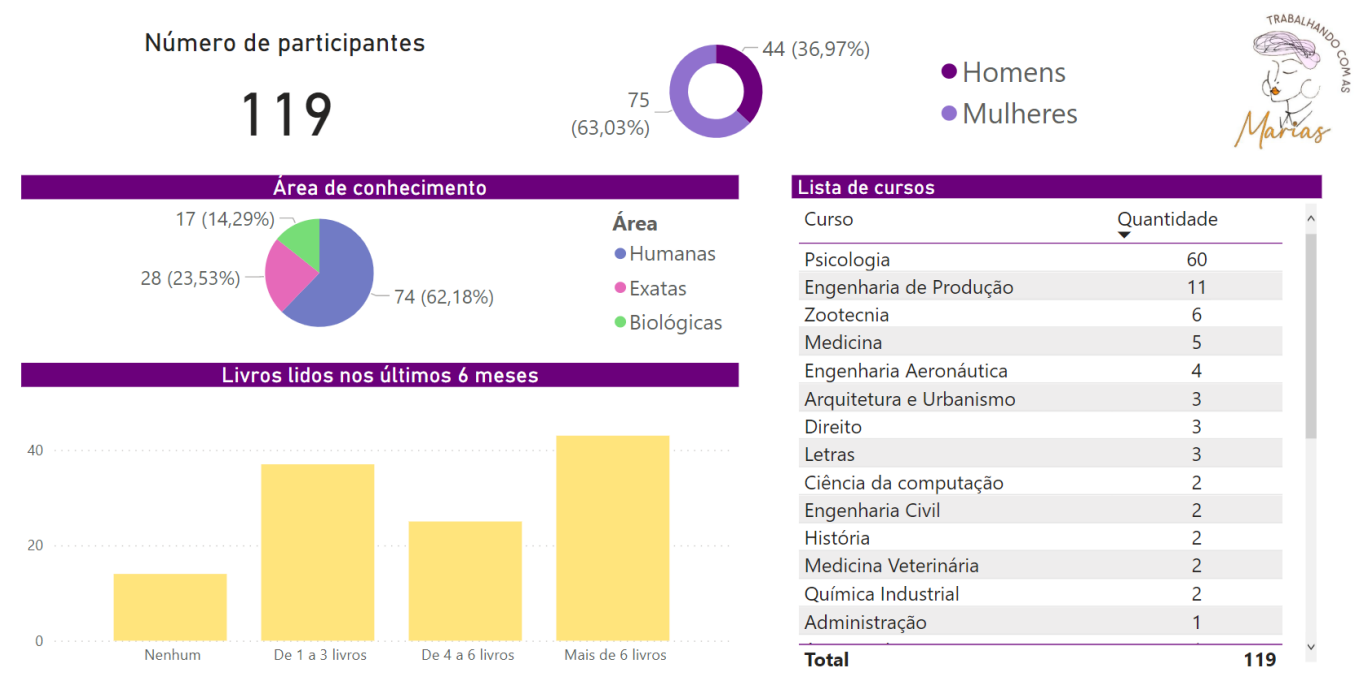
O mapeamento foi realizado com estudantes de uma Universidade Federal do Sudeste brasileiro. Algumas das perguntas norteadoras do levantamento foram: Houve realmente um aumento na quantidade de livros lidos durante a pandemia por parte deste público? Quais livros estavam sendo lidos? Lia-se mais livros escritos por homens ou mulheres? A seguir, mais detalhes acerca do método do mapeamento são apresentados.

3.1 Participantes

A amostra da pesquisa consistiu em homens e mulheres que responderam ao formulário disponibilizado e divulgado nas redes sociais e em grupos de Whatsapp, buscando atrair universitários durante a pandemia da COVID-19. Tinha como requisito que participassem apenas estudantes de graduação com 18 anos ou mais. O formulário solicitava informações sobre o curso de graduação, gênero e quantidade média de livros lidos no período de 6 meses. A partir desses

itens, foi obtido um total de 120 respostas, no período de novembro a janeiro de 2020. Das respostas obtidas, apenas 1 resposta foi descartada, por não ter preenchido todas as questões. Na amostra, 75 participantes se consideram do gênero feminino (63,03%) e 44 do gênero masculino (36,97%). Em relação à área de conhecimento, 74 são de cursos referentes a Área de Humanas (62,18%), sendo: Psicologia, Artes Visuais, História, Arquitetura, Letras, Jornalismo e Direito, respectivamente no ranking com mais respostas. Nas Exatas foram 28, com percentual de 23,53%, dos cursos de Química Industrial, Engenharias, Computação, Sistemas de Informação e Matemática, no ranking com mais respostas. Por último, 17 participantes eram de áreas biológicas (14,29%), dos respectivos cursos: Medicina, Zootecnia, Agronomia, Fisioterapia e Veterinária, no ranking com mais respostas. A Figura 1 apresenta os dados da amostra.

Figura 1
Caracterização da amostra



3.2 Instrumento

Para mapear os hábitos de leitura de estudantes universitários foi elaborado um formulário *online* na plataforma *Google Forms*. O formulário teve como objetivo a coleta dos dados dos

hábitos de leitura de estudantes de graduação durante a pandemia da COVID-19. Contou com uma pergunta de confirmação de participação, enquanto as outras foram sobre o curso de graduação do participante, gênero, quantidade média de livros lidos no período de 6 meses e uma questão aberta convidando-o a citar 5 livros e respectivos autores já lidos em algum momento. Nenhuma das seis perguntas eram opcionais, assim os participantes que responderam o mapeamento apenas poderiam seguir se respondessem todas as perguntas. As perguntas feitas no formulário estão dispostas na Tabela 1.

Tabela 1

Formulário realizado no mapeamento

Hábitos de Leitura de Estudantes Universitários durante a COVID-19	
Formulário de mapeamento	
1	Li e concordo em participar?
2	Você é estudante de algum curso de graduação?
3	Qual seu curso?
4	Qual seu gênero?
5	Quantos livros leu nos últimos 6 meses?
6	Cite 5 livros e respectivos autores que você já tenha lido em algum momento da sua vida.

3.3 Procedimentos e análise de dados

O mapeamento dos hábitos de leitura de estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19 foi fechado após 3 meses, quando não recebíamos mais respostas. Para sua análise foi utilizada uma planilha gerada automaticamente pelo *Google Forms*, onde os dados foram exportados para a plataforma da *Microsoft Power BI*. Os seguintes passos foram realizados para criar a conexão do banco de dados com o Power BI: aplicar técnicas de ETL (*Extract, Transform and Load*) para tratar os dados obtidos, realizar cálculos dinâmicos com as fórmulas DAX (*Data Analysis Expressions*) e, por último, foi criado um *dashboard* com o objetivo de facilitar a visualização dos dados coletados, organizá-los e interpretá-los.

No *dashboard* foram também criados filtros de acordo com os itens pesquisados: gênero, área do conhecimento, quantidade de livros lidos e respectivos cursos da amostra estudada. Assim,

é possível visualizar o resultado geral e fazer as segmentações por filtro de cada um dos resultados, onde os gráficos são interativos e dinâmicos de acordo com o filtro selecionado.

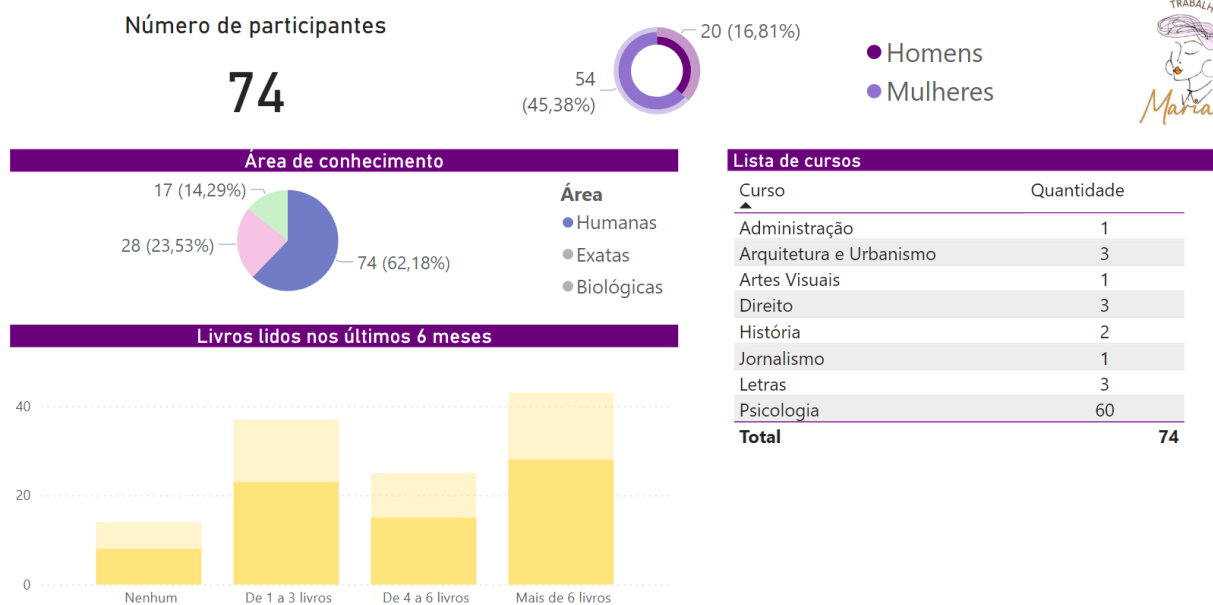
O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) também foi preenchido pelos participantes, após os devidos esclarecimentos éticos e a aceitação em participar da pesquisa. O Apêndice A, apresenta o TCLE deste estudo.

3.4 Resultados

A maioria da amostra foi formada por mulheres universitárias, sendo a área de conhecimento com maior concentração as Humanas (62,18%). Na área de Humanas, nos últimos 6 meses: 8 pessoas não leram nenhum livro, 23 leram de 1 a 3 livros, 15 leram de 4 a 6 livros e 28 leram mais de 6 livros. Os demais dados obtidos estão dispostos a seguir na Figura 2.

Figura 2

Mapeamento de hábitos de leitura de estudantes universitários na área de Humanas

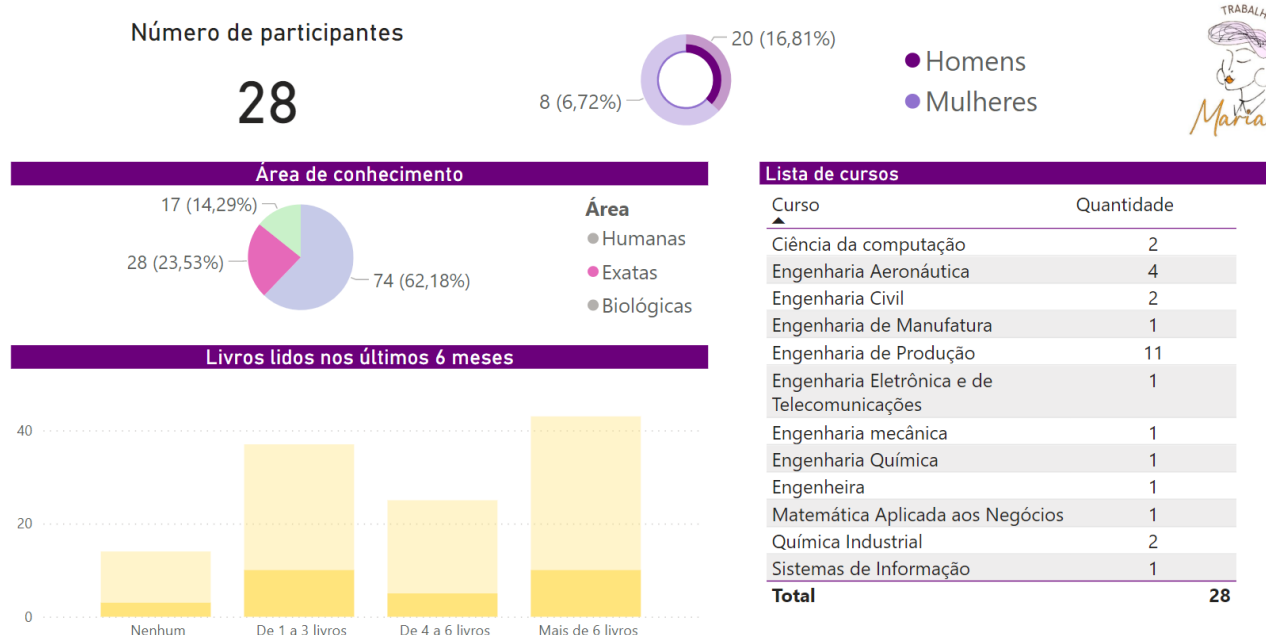


A segunda área de conhecimento com maior concentração foi Exatas (23,53%). Destes, 6,72% foram mulheres e 16,81% homens, dos cursos de Ciência da Computação, Engenharia

Aeronáutica, Engenharia Civil, Engenharia de Manufatura, Engenharia de Produção, Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Matemática Aplicada aos Negócios, Química Industrial e Sistema de Informação. Na área de Exatas, nos últimos 6 meses: 3 pessoas não leram nenhum livro, 10 leram de 1 a 3 livros, 5 leram de 4 a 6 livros e 10 leram mais de 6 livros. Os demais dados estão dispostos na Figura 3.

Figura 3

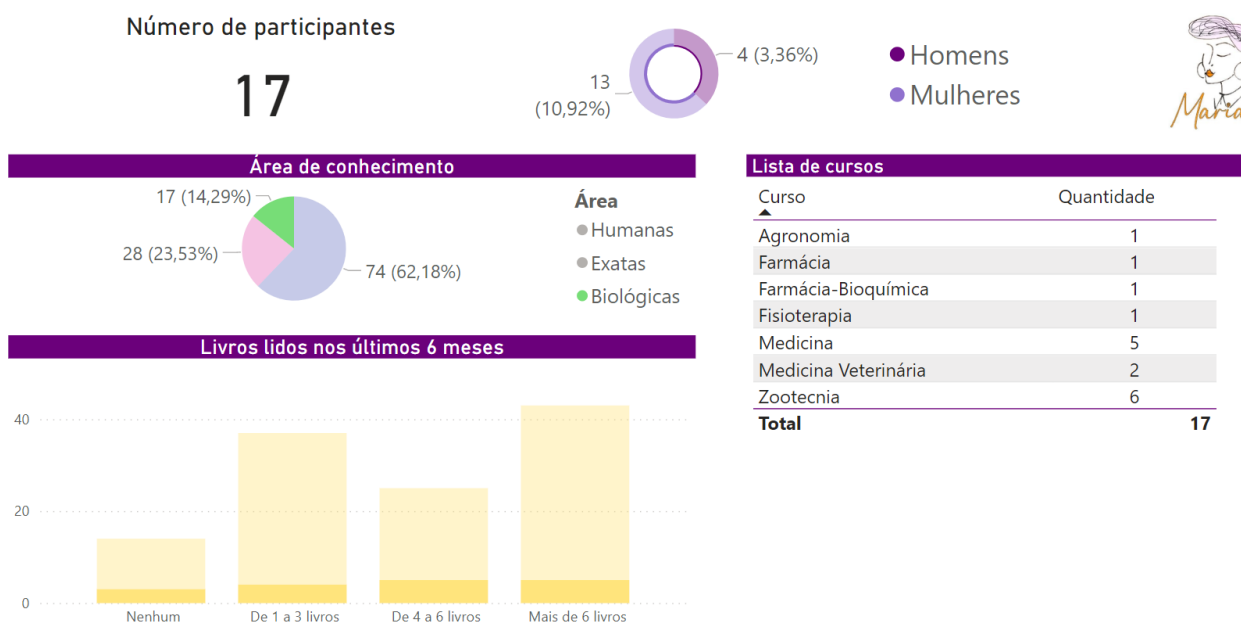
Mapeamento de hábitos de leitura de estudantes universitários na área de Exatas



A área de conhecimento com menor concentração de participantes foi Biológicas (14,29%). Destes, 10,92% eram mulheres e 3,36% homens, dos cursos de Agronomia, Farmácia, Farmácia-Bioquímica, Fisioterapia, Medicina, Medicina Veterinária e Zootecnia. Na área de Biológicas, nos últimos 6 meses: 3 pessoas não leram nenhum livro, 4 leram de 1 a 3 livros, 5 leram de 4 a 6 livros e 5 leram mais de 6 livros. Os demais dados estão dispostos na Figura 4.

Figura 4

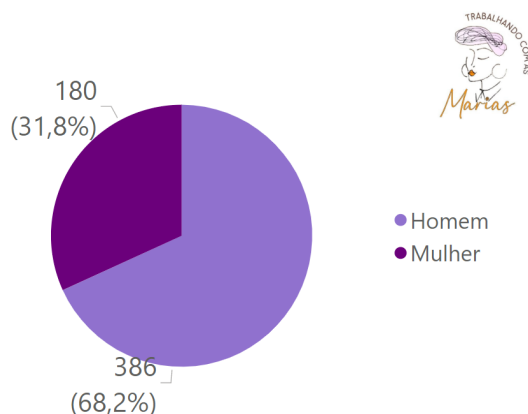
Mapeamento de hábitos de leitura de estudantes universitários na área de Biológicas



Além disso, também foram investigadas e sistematizadas em uma planilha as obras citadas a fim de descobrir quantos e quais autores foram citados, e quantos representavam o gênero masculino e feminino. Os resultados encontrados apontaram a citação de 568 autores no total, no entanto, 2 livros foram considerados como escritos por autores de sexo neutro, uma vez que foi citada a Bíblia e o CREPOP (Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas). A Figura 5 apresenta a análise de gênero das respostas dadas por homens e mulheres em relação aos cinco livros citados, constatando-se que os universitários consultados citaram mais livros escritos por homens do que por mulheres

Figura 5

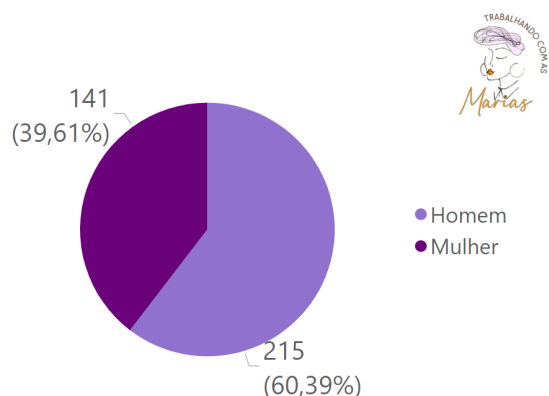
Análise de gênero total das obras citadas



Considerando apenas as respostas das mulheres, a Figura 6 indica que as universitárias participantes se recordam de terem lido quase duas vezes mais livros escritos por homens do que por mulheres durante sua vida.

Figura 6

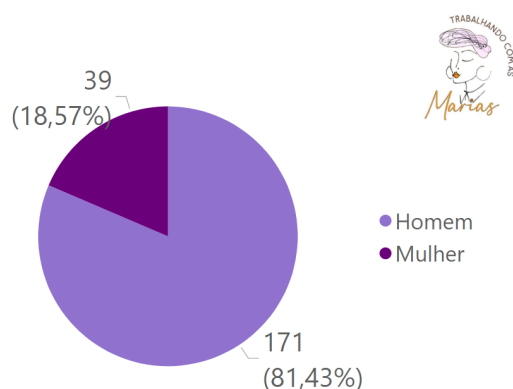
Análise de gênero das obras citadas apenas por mulheres



Considerando apenas as respostas dos homens, a Figura 7 indica que os jovens universitários consultados se recordam de terem lido predominantemente livros escritos por homens durante sua vida.

Figura 7

Análise de gênero das obras citadas apenas por homens



Quanto aos autores e autoras mais citados no estudo, a Figura 8 apresenta o ranking dos autores e autoras mais citados.

Figura 8

Ranking dos autores e autoras mais citados no estudo no geral

Características da amostra:

Gênero

Feminino

Masculino

Área

Biológicas


Exatas

Humanas

Curso

Tudo

Autor(a)	Quantidade citado(a)	Sexo
Machado De Assis	26	Masculino
J.K. Rowling	23	Feminino
Franz Kafka	12	Masculino
Gabriel García Márquez	12	Masculino
Clarice Lispector	10	Feminino
George Orwell	10	Masculino
Jorge Amado	10	Masculino
Fiódor Dostoiévski	9	Masculino
Stephen King	8	Masculino
Jane Austen	7	Feminino
John Green	7	Masculino
Rick Riordan	7	Masculino
C.S.Lewis	6	Masculino
José De Alencar	6	Masculino
José Saramago	6	Masculino
Leon Tolstói	6	Masculino
Agatha Christie	5	Feminino
Total	568	



Considerando apenas as respostas das mulheres quanto aos autores e autoras mais citados no estudo tivemos: 1º Machado de Assis com 17 citações, 2º J. K. Rowling com 13 citações, 3º Clarice Lispector com 7 citações, 4º Jane Austen com 7 citações, 5º John Green com com 7 citações, 6º George Orwell com 6 citações, 7º Augusto Cury com 5 citações, 8º Chimamanda Ngozi Adichie com 5 citações, 9º Gabriel García Márquez com com 5 citações e 10º Jorge Amado com 5 citações. A Figura 9 a seguir apresenta o ranking com os demais autores e autoras citados apenas por mulheres.

Figura 9

Ranking dos autores e autoras mais citados apenas por mulheres

Características da amostra:

Gênero

Feminino

Masculino

Área

Biológicas


Exatas

Humanas

Curso

Tudo

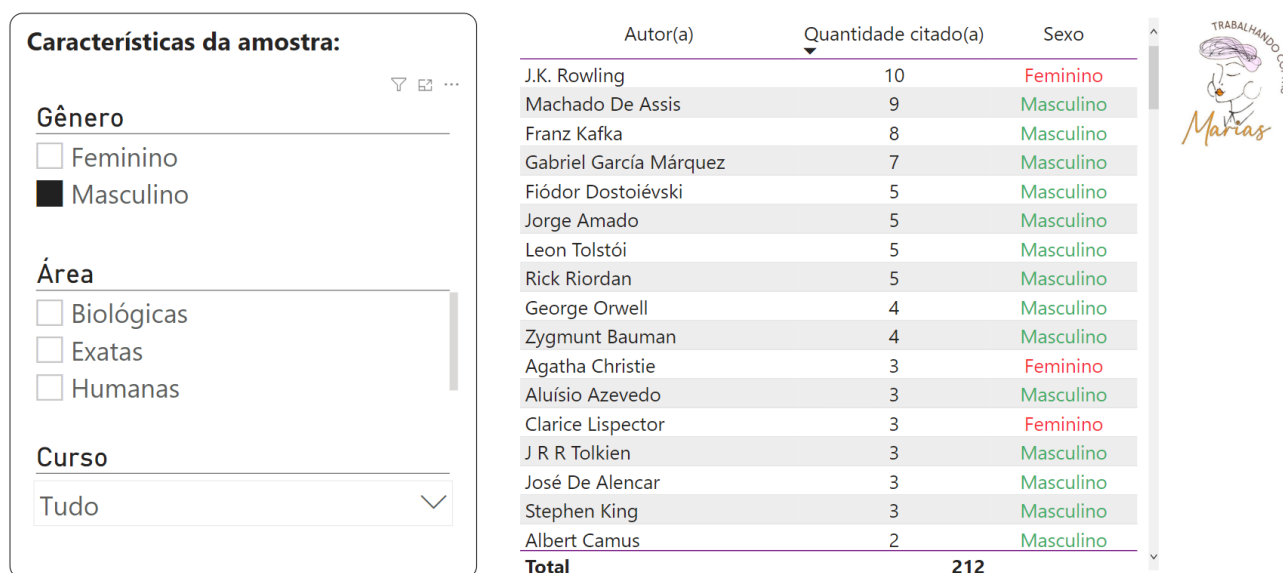
Autor(a)	Quantidade citado(a)	Sexo
Machado De Assis	17	Masculino
J.K. Rowling	13	Feminino
Clarice Lispector	7	Feminino
Jane Austen	7	Feminino
John Green	7	Masculino
George Orwell	6	Masculino
Augusto Cury	5	Masculino
Chimamanda Ngozi Adichie	5	Feminino
Gabriel García Márquez	5	Masculino
Jorge Amado	5	Masculino
Stephen King	5	Masculino
Bram Stoker	4	Masculino
C.S.Lewis	4	Masculino
Djamila Ribeiro	4	Feminino
Elena Ferrante	4	Feminino
Fiódor Dostoiévski	4	Masculino
Franz Kafka	4	Masculino
Total	356	



Considerando apenas as respostas dos homens, quanto aos autores e autoras mais citados no estudo tivemos: 1º J. K. Rowling com 10 citações, 2º Machado de Assis com 9 citações, 3º Franz Kafka com 8 citações, 4º Gabriel García Márquez com 7 citações, 5º Fiódor Dostoiévski com 5 citações, 6º Jorge Amado com 5 citações, 7º Leon Tolstói com 5 citações, 8º Rick Riordan com 5 citações, 9º George Orwell com 4 citações e 10º Zygmunt Bauman com 4 citações. A Figura 10 apresenta o ranking com os demais autores e autoras mais citados apenas por homens.

Figura 10

Ranking dos autores e autoras mais citados apenas por homens



3.5 Discussão

A partir dos resultados obtidos, é possível notar que a quantidade de livros lidos¹ durante a pandemia por jovens universitários foi considerável. De uma amostra de 119 participantes, apenas 14 relataram não terem lido nenhum livro durante os últimos seis meses, sendo que a maioria afirmou ter lido mais de 6 livros. Considerando tanto livros inteiros quanto em partes, o brasileiro lê em média 4,95 livros por ano (IPL, 2019), um percentual de seis livros em seis meses são aproximadamente um livro por mês, o que indica que não apenas a quantidade de livros lidos nesse

¹ Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes, de acordo com o que era citado pelos participantes do estudo. Esse critério foi adotado tendo como base as pesquisas “Retratos da Leitura no Brasil” desenvolvidas pelo Instituto Pró-Livro (IPL) desde 2007.

período foi substancial, mas que houve realmente um aumento na quantidade de livros lidos durante a pandemia conforme apontavam os registros de sites *online*, sebos e livrarias.

Em relação à gênero e número de livros lidos, o estudo apontou que mulheres leem mais livros que os homens. Tal tendência também aparece na 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil nos anos de 2007, 2011 e 2015, exceto no último relatório de 2019, onde o gênero masculino apresentou uma quantidade de livros lidos por ano 0,4 maior do que o gênero feminino (IPL, 2019). No entanto, o diferencial do presente estudo foi investigar e sistematizar as obras citadas que os participantes já tinham lido em algum momento da sua vida, a fim de descobrir quantos autores citados representavam o gênero masculino e o feminino.

Quanto aos livros citados, ambos os gêneros citaram mais livros escritos por homens do que por mulheres. Na análise de gênero das obras citadas apenas por mulheres, as jovens universitárias também citaram mais livros escritos por homens do que por mulheres. Isto significa que jovens universitárias, a maioria da amostra, no mapeamento de hábitos de leitura se recordam de terem lido cerca de duas vezes mais livros escritos por homens do que por mulheres durante sua vida.

O resultado desproporcional da leitura de obras escritas pelo gênero masculino e feminino, acrescido do índice de mulheres que se recordam de terem lido cerca de duas vezes mais livros escritos por homens do que por mulheres durante sua vida é significativo, dado que a literatura aponta para uma marginalização das mulheres no mercado editorial (Woolf, 1928; Romanelli, 2014; Dalcastagnè, 2005). Vale ressaltar que o mercado editorial ocupa um papel decisivo, uma vez que é quem determina quais livros são publicados, classificação de assuntos e preço de varejo (Weinberg & Kapelner, 2018). Logo, o que chega nas prateleiras e é consumido tem o crivo do mercado, seja em uma editora tradicional ou independente. Entende-se então neste estudo que o comportamento das mulheres de terem recordado cerca de duas vezes mais livros escritos por homens e o dado que mulheres escritoras são menos lidas, poderia ter relação com o mercado editorial, que em geral reflete tratamento diferenciado em relação à gênero.

Isto é corroborado por Weinberg e Kapelner (2018), cujos dados indicam que, ao comparar mecanismos de discriminação e desigualdade na publicação tradicional e independente, constatou-se que a publicação independente, embora mais igualitária, replica os padrões de discriminação de gênero da publicação tradicional. A pesquisa de Weinberg e Kapelner (2018) apontou também que há: 1) desvalorização dos gêneros escritos predominantemente por mulheres; 2) preços mais baixos dentro dos gêneros para livros escritos por mulheres, cerca de 45% a menos que os livros escritos por homens; e 3) uma distribuição desigual das autoras por categorias de livros, com predominância delas em categorias como culinária, artesanato, hobbies, família e relacionamento, nas quais o preço dos livros é mais barato. No entanto, em uma comparação entre dois livros do mesmo gênero literário, os dos homens costumam ser mais caros.

Quanto às citações durante o mapeamento, no ranking dos autores e autoras mais citados no geral e no ranking dos mais citados apenas por mulheres temos o cânone literário Machado de Assis. Acompanhado no ranking geral por dois grandes nomes da literatura brasileira como Jorge Amado, citado 10 vezes, e José de Alencar, citado 6 vezes. Com exceção de Clarice Lispector, citada 10 vezes, nenhuma outra mulher brasileira é citada no ranking geral. Steffen (2019) entende esse fenômeno como parte da marginalização da literatura produzida por mulheres na história literária brasileira. Essa marginalização ocorre de muitas maneiras, sendo uma delas o pouco lugar reservado à escrita das mulheres dentro da história literária traçada nos livros didáticos. Não é difícil perceber esse problema, basta fazer a reflexão: quantos livros escritos por escritoras brasileiras estudamos na escola? Destes, o quanto são proporcionais à quantidade de livros escritos por homens? Quais são os livros e o gênero dos autores cobrados nos vestibulares ao redor do Brasil?

Para Romanelli (2014), “mesmo com todas as dificuldades e amarras relativas ao seu gênero, muitas mulheres foram capazes de escrever, mas suas obras foram esquecidas no tempo (p.15)”. Nelly Novaes Coelho, como citada por Romanelli (2014), em seu Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras se empenha para resgatar as obras das escritoras brasileiras. A primeira

encontrada é datada em 1771, e se chama Teresa Margarida da Silva e Orta, nascida em São Paulo e considerada por historiadores como a primeira romancista em língua portuguesa. Quantas vezes ouvimos o nome de Teresa ou de outras mulheres ao estudar a história da literatura brasileira? A própria iniciativa de restaurar o nome dessas escritoras reafirma o apagamento que as escritoras passaram ao longo da história da literatura brasileira.

No ranking dos autores mais citados apenas por mulheres, a única mulher brasileira que aparece além de Clarice Lispector, com 7 citações, é Djamila Ribeiro, citada 4 vezes. Djamila Ribeiro é uma importante ativista brasileira engajada na luta em defesa das mulheres e dos negros e negras, autora de três livros e responsável por coordenar a coleção *Feminismos Plurais*, da editora Jandaíra. No ranking dos mais citados apenas por homens, fora Clarice Lispector, não aparece nenhuma mulher brasileira. As duas outras mulheres que aparecem são J. K. Rowling, com 10 citações e Agatha Christie, com 3 citações.

Dessa forma, percebe-se que no *ranking* dos livros citados por homens, aparecem ainda menos mulheres do que no *ranking* das mulheres. Destaca-se a britânica J. K. Rowling, que aparece em todos os *rankings* e em primeiro lugar no ranking dos livros citados apenas por homens. Porém, sabe-se que Rowling foi orientada, antes de lançar o primeiro livro da saga Harry Potter, a adotar apenas a sigla do seu primeiro nome, de maneira a camuflar seu gênero e para se parear com o escritor J. R. R. Tolkien, famoso pela saga Senhor dos Anéis (Romanelli, 2014). Isto sinaliza a preocupação das editoras que seu público-alvo masculino possa não se interessar pelos livros de mulheres que escrevem sobre fantasia, por exemplo.

A partir do contexto de marginalização das mulheres no mercado editorial e dos hábitos de leitura dos estudantes universitários serem reforçados por essa lógica, foi realizado o Estudo 2. Este teve como objetivo compreender o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura nas percepções de si e da carreira. O clube de leitura teria como proposta apenas a consideração de livros escritos por mulheres com o interesse de, além de discutir questões pertinentes ao feminismo, abordar a questão da predominância literária masculina. Portanto, ressalta-se que os achados do

Estudo 1 contribuíram para a definição do escopo e indicaram a necessidade da realização do Estudo 2.

4 Estudo 2: Clube de leitura feminista

O estudo 2, que será apresentado a seguir, teve como objetivo compreender o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura nas percepções de si e da carreira. Nesse sentido, as variáveis papéis de gênero, identificação feminista e autoeficácia profissional foram consideradas. O que apontou que as mulheres que participaram do clube de leitura feminista apresentaram diferenças significativas em relação a autoeficácia profissional e aos itens livre e autoconfiante na escala de papéis de gênero, no entanto, a identificação feminista não pode ser avaliada conforme esperado.

O projeto foi realizado em uma Universidade Federal do sudeste brasileiro, tendo como objetivos: 1) promover um espaço de discussão e compartilhamento de experiências literárias e teoria feminista, a fim de incentivar a leitura de autoras e compreender a importância da leitura de livros escritos por mulheres; 2) analisar o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura feminista nas percepções de si e da carreira. Para tanto, as variáveis papéis de gênero, identificação feminista e autoeficácia profissional foram consideradas, realizando-se comparações acerca de seus níveis antes e depois da participação no clube de leitura. O clube de leitura em si representou uma ação de extensão universitária, coordenada e executada por duas graduandas do grupo de estudo, pesquisa e extensão “Trabalhando com as Marias”, que investiga temas relacionados à intersecção entre carreira e mulheres, com a supervisão da professora doutora Ligia Carolina Oliveira-Silva, especialista em questões de gênero e carreira. O clube ocorreu entre os meses de março a agosto de 2021, com carga horária total de 20 horas. A seguir, mais detalhes acerca do desenvolvimento do programa são apresentados.

4.1 Divulgação, inscrição e critérios de seleção

O clube de leitura não foi autorotulado como feminista na sua divulgação por alguns motivos previamente definidos. Em primeiro lugar, porque foi considerada a existência de diversos estereótipos negativos em torno do feminismo, que podem dificultar que as pessoas identifiquem com o movimento e se autodeclararem como feministas (Adichie, 2015; Liss, et al., 2001; Reid & Purcell, 2004; Williams & Witting, 1997). Em segundo lugar, porque o objetivo era analisar o impacto da participação da amostra nas percepções de si e da carreira, e uma das variáveis medida foi a identificação feminista (Williams & Wittig, 1997). Dessa forma, concluiu-se que não seria adequado demarcar esse posicionamento de imediato para evitar vieses, pois seria importante que participassem do projeto todas aquelas que tivessem interesse na leitura e discussão dos livros, mas não necessariamente se autorotassem feminista. A partir disso, seria possível medir a variação da identificação feminista antes e depois do projeto.

Após a definição do escopo, cronograma e título do clube de leitura², ele foi divulgado nas mídias sociais Whatsapp, Instagram, site oficial da instituição e diretamente junto à secretaria de cada curso via e-mail. Foi usado apenas o meio virtual para divulgação, devido ao cenário da pandemia da COVID-19 e a suspensão das atividades presenciais. Essas estratégias também foram adotadas visando alcançar um público diverso, atingindo pessoas de toda a comunidade, assim como participantes de campos do conhecimento variados.

Também foi utilizada a página do Instagram do grupo Trabalhando com as Marias para divulgar conteúdos relacionados ao projeto e despertar o interesse de participação do público antes da abertura das inscrições. Curiosamente, no formulário de inscrição, ao perguntar sobre como a pessoa ficou sabendo do projeto: 35,4% respondeu que foi pelo Instagram, 20,08% através de conhecidos e amigos, 16,7% por meio do Facebook e 14,6% pelo WhatsApp.

² O nome original dado ao clube de leitura não foi aqui exposto de maneira a preservar o sigilo e o anonimato das participantes, sendo nomeado apenas como Clube de Leitura Feminista, em consideração à essência da proposta do projeto.

A quantidade de vagas oferecidas foi de 25, uma vez que por ser um clube de leitura com o objetivo de troca e partilha de reflexões sobre as leituras, seria necessário que cada uma das participantes pudesse ter um tempo de fala mínimo durante os encontros. Inscreveram-se 48 pessoas ao todo, sendo apenas um dos inscritos do gênero masculino. Após inscrição, seus perfis foram avaliados para seleção de acordo com: 1) ser mulher com 18 anos ou mais; 2) gostar de ler; 3) ter interesse em fazer leituras compartilhadas e 4) ter interesse em discuti-las em grupo. Logo, apenas foi considerada a inscrição daquelas que responderam adequadamente à pergunta “por que se interessou pelo grupo?”. Outros critérios de inclusão foram: disponibilidade horária nos dias e horários do clube de leitura; estar de acordo em ficar responsável por adquirir ou procurar em meios digitais os livros indicados em cada encontro para ler. Dessa forma, os critérios de exclusão foram: não respondeu a pergunta do motivo de ter escolhido participar do projeto; não ser mulher com 18 anos ou mais; e não ter disponibilidade horária nos dias e horários do clube de leitura.

4.2 Participantes

Considerando os critérios, foram selecionadas 25 mulheres, no entanto, apenas 12 delas participaram de quatro do total de seis encontros realizados. Logo, foram incluídas na amostra apenas aquelas que estiveram em mais da metade dos encontros. Além disso, também só foram incluídas as mulheres que responderam ao formulário com as variáveis de análise nos dois momentos, isto é, antes e depois da participação no clube de leitura, o que totalizou 10 mulheres. Todas as participantes assinaram um termo de assentimento, que esclareceu os objetivos do projeto, as atividades propostas, os riscos e benefícios envolvidos no processo, a liberdade de participação ou não, bem como a garantia de anonimato e sigilo sobre as questões abordadas nos encontros. A Tabela 2 apresenta também informações sobre idade, escolaridade, profissão, área do conhecimento e se possuía ou não filhos.

Tabela 2
Participantes do Clube de Leitura Feminista

Clube de Leitura Feminista						
Participantes						
Participantes	Idade	Escolaridade	Vínculo empregatício?	Área de Conhecimento	Cor	Possui Filho?
P1	de 18 a 24 anos	Ensino superior incompleto	Não	Psicologia	Parda	Não
P2	de 36 a 50 anos	Pós-graduação (Lato sensu) completo	Sim	Filosofia	Parda	Sim
P3	de 25 a 35 anos	Ensino superior incompleto	Não	Matemática	Branca	Sim
P4	de 25 a 35 anos	Ensino superior incompleto	Não	Psicologia	Parda	Não
P5	de 18 a 24 anos	Ensino superior incompleto	Não	Economia	Branca	Não
P6	de 25 a 35 anos	Pós-graduação (Stricto sensu, nível mestrado) incompleto	Não	Psicologia	Branca	Não
P7	de 18 a 24 anos	Ensino superior incompleto	Não	Biotecnologia	Parda	Não
P8	de 18 a 24 anos	Ensino superior incompleto	Não	Psicologia	Branca	Não
P9	de 18 a 24 anos	Ensino superior incompleto	Não	Psicologia	Branca	Não
P10	de 18 a 24 anos	Ensino superior incompleto	Não	Psicologia	Branca	Não

4.3 Formato dos encontros

O Clube de Leitura Feminista teve ao todo 6 encontros, sendo um encontro por mês, de maneira que cada encontro aconteceu na primeira quinta-feira do mês. De forma síncrona e remota, pela Plataforma Google Meet, com duração de uma hora e trinta e condução de duas graduandas do grupo “Trabalhando com as Marias” com experiência em coordenação de grupos. A programação (e.g. seleção de livros, debates e dinâmicas) do clube de leitura partia de princípios feministas que permearam toda a seleção de livros, que incluiu obras de não-ficção, poesia e *graphic novels* escritos apenas por mulheres e que abordavam o feminismo. Com estes títulos, buscou-se sensibilizar as participantes sobre pautas relativas ao movimento feminista através da promoção de um espaço de discussão e compartilhamento de experiências tanto literárias quanto pessoais, com o pano de fundo de incentivar a leitura de autoras e compreender a importância de tal hábito.

O cronograma de leituras do Clube foi definido com base nos seguintes critérios: 1) ser escrito por uma mulher; 2) margem para discussão da teoria feminista; 3) diferentes gêneros

literários; 4) inclusão de livros escritos por mulheres não-brancas e 5) preferência por livros entre 100 a 300 páginas, para que houvesse tempo hábil para a leitura entre os encontros. Ao todo foram selecionados 8 livros, sendo 6 livros selecionados no início e definidos como temas de cada encontro, e dois livros definidos ao longo do projeto, de acordo com a disponibilidade das convidadas que tiveram a possibilidade de divulgar seus livros e compartilhar suas experiências como escritoras. Conforme disposto na Tabela 3, apenas este encontro foi aberto a pessoas que não participavam regularmente do grupo mas que se interessassem em conhecer sobre escrita e publicação de livros, assim como sobre a experiência de mulheres no mercado editorial e os desafios na carreira de uma mulher que se propõe a ser escritora.

De forma geral, cada encontro apresentava um tema e um livro pré-selecionado, com exceção do primeiro encontro, no qual realizou-se a apresentação do clube e das participantes. Houveram também encontros que contaram com a participação de convidadas/*experts*, de maneira a facilitar ou embasar a discussão do tema do livro em questão. Foi usado, na maioria dos encontros, o seguinte roteiro: 1) Recepção das participantes; 2) Perguntas disparadoras a partir do livro selecionado; e 3) Momento de compartilhamento. A Tabela 3 apresenta um resumo das atividades desenvolvidas ao longo dos 6 encontros. Todo o conteúdo e materiais produzidos ao longo de todo o Clube de Leitura Feminista foram de autoria das coordenadoras, bem como a providência dos instrumentos necessários. A seguir, serão detalhadas as atividades de cada encontro, assim como os temas e recursos utilizados.

Tabela 3

Resumo de atividades do Clube de Leitura Feminista

Cronograma do Clube de Leitura Feminista				
Atividades realizadas				
Encontro	Tema e objetivo	Recursos usados	Livro	Autora
1	Boas vindas, apresentação do clube de leitura e das participantes que se inscreveram no projeto	Apresentação através de um livro escrito por uma mulher, que as participantes já tenham lido ou queiram ler. Contrato com o grupo	Livre	Livre
2	"O que significa ser feminista?", tinha como objetivo colocar em pauta	Dashboard do Power BI com o mapeamento dos hábitos de leitura de estudantes	Sejamos Todos feministas (2015)	

	as implicações de se denominar feminista; gerar identificações com episódios narrados pela autora e refletir sobre a marginalização das escritoras no mercado editorial	universitários e discussão dos resultados. Partilha da leitura do livro “Sejamos todos feministas” e quais reflexões a leitura gerou		Chimamanda Ngozi Adichie, feminista e escritora nigeriana.
3	"Feminismo Negro", tinha como objetivo fornecer um panorama geral sobre políticas feministas a partir de um olhar interseccional, de raça, gênero e classe social	Foi convidada a psicóloga Tatiane Bezerra Oliveira, que estuda gênero e raça, para facilitar a leitura do livro “O feminismo é para todo mundo”. Posteriormente, o clube de leitura foi aberto para a partilha das reflexões que a leitura gerou e perguntas à respeito da fala feita pela convidada	O feminismo é para todo mundo (2018)	Bell Hooks, autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense
4	"Poemas, quadrinhos, manuais, romances...", tinha como objetivo apresentar as múltiplas narrativas, gêneros literários e formas de expressão que a literatura possibilita	Foi solicitado que entre os três livros indicados, cada participante escolhesse aquele que mais lhe interessasse a leitura. No dia do encontro, foi realizado um treinamento sobre como identificar "comportamentos-problema" voltados para o ambiente de trabalho, inspirado no livro Clube da Luta feminista: um manual de sobrevivência (para um ambiente de trabalho machista). Foram usados vídeos, conceitos e exemplos para facilitar a exposição, por último foi aberto o diálogo para a partilha de qual livro foi escolhido, porque a escolha e quais reflexões o livro gerou	a) Um útero é do tamanho de um punho (2012) b) Persépolis (2008) c) Clube da luta feminista: Um manual de sobrevivência (2016)	a) Angélica Freitas, poeta e tradutora brasileira. b) Marjane Satrapi, romancista gráfica, ilustradora, cineasta e escritora franco-iraniana. c) Jessica Bennett, jornalista e autora norte-americana que escreve sobre questões de gênero, política e cultura.
5	"Experiência de escrita e publicação: já pensou em escrever um livro?", tinha como objetivo convidar escritoras que publicaram livros para a partilha de suas experiências no mercado editorial; abordar as dificuldades do processo de publicação de um livro e de ser escritora no Brasil; percepções acerca dessa carreira para as mulheres; divulgar o livro das convidadas e incentivar mulheres que desejassem também publicar um livro	Encontro aberto ao público externo, interessado em escrever um livro, entender sobre o processo de escrita e publicação. Foram divulgadas as convidadas confirmadas e seus respectivos livros. O encontro ocorreu em formato de roda de conversa onde foram compartilhadas as percepções das convidadas a respeito do mercado editorial, experiências e os desafios de ser escritora	d) Viagem Marcada (2014) e) Homens que nunca conheci (2020)	d) Caroline Pozzobon, psicóloga clínica e mestranda em processos cognitivos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). e) Máira Valério, jornalista brasileira e especialista em Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
6	"Como a leitura me liberta?", tinha como objetivo apresentar a noção de que o empoderamento é apenas	Partilha da leitura do livro “Empoderamento” e quais reflexões a leitura gerou; uso da plataforma Mentimeter para coletar anonimamente feedbacks	Empoderamento (2019)	Joice Berth, arquiteta urbanista, escritora brasileira e feminista negra

efetivo se for voltado para a coletivo e não apenas para o nível individual; encerrar os encontros do clube de leitura e feedback das participantes sobre o projeto	a respeito dos encontros do clube de leitura: “Como você está saindo do nosso encontro?”, “Por que ler mulheres?”, “O que é empoderamento?”
---	---

4.4 Atividades dos encontros

4.4.1 Contato inicial

Antes do primeiro encontro do Clube de Leitura Feminista, foi criado um grupo no Whatsapp com as participantes. O grupo foi usado como um canal de comunicação entre as coordenadoras e as participantes, sendo usado para tirar dúvidas, dar sugestões e compartilhar ideias sobre os encontros. De início, as coordenadoras do grupo se apresentaram, deram ênfase no grupo como um espaço de troca, partilha e comunicação, onde todas tinham um papel fundamental no que iria ser construído. Foi informado o horário e comunicado que encontro de apresentação, iria ser realizada uma dinâmica na qual cada uma delas deveria escolher um livro escrito por uma mulher. Poderia ser um livro que elas já tinham lido, ou algum livro que elas já ouviram falar e gostariam de ler. Foi informado que o objetivo da dinâmica de apresentação era que cada uma delas apresentasse sua escolha e falasse o motivo pelo qual escolheu o livro.

Posteriormente, foi enviado no grupo do Whatsapp algumas orientações para a convivência no Clube, sendo eles: pontualidade, empatia, câmera ligada, permanência no grupo, organização e, por último, o aproveitamento. Pautou-se a importância de se estar conectada à sala virtual pontualmente. Para auxiliar nisso, foi sugerido às participantes que elas se organizassem para se conectar com pelo menos 10 minutos de antecedência ao horário combinado de início do encontro, pois assim seria possível testar áudio e vídeo. Em relação à empatia, para que todas se sentissem confortáveis foi dada ênfase em uma escuta empática e em não fazer julgamentos. Ressaltou-se que aquele espaço seria feito por todas ativamente, então era importante que elas pudessem ficar à vontade para compartilhar o que elas desejassem sobre a temática em voga.

Foi recomendado deixar a câmera ligada sempre que possível, sendo um modo delas se aproximarem. Em quarto lugar, a permanência foi uma das orientações para um melhor aproveitamento dos encontros, para isso seria necessário organização e estar presente durante o encontro. Esclareceu-se que entradas com atrasos ou saídas antes do término interferem na qualidade do encontro. Em quinto lugar, sobre a organização foi informado que os livros dos próximos encontros estavam previamente definidos, sugerindo-se que elas procurassem adquiri-los em formato físico ou digital. Por último, recomendou-se que cada uma delas pudesse aproveitar os encontros para refletir sobre seus próprios atravessamentos com os temas.

Foi esclarecido, no envio das orientações iniciais, que essas sugestões eram uma forma de deixar alguns combinados úteis ao funcionamento dos encontros do grupo, mas que as orientações dadas também poderiam ser revistas ou melhor explicadas durante o primeiro encontro, caso houvesse necessidade e interesse do grupo em acrescentar algo.

4.4.2 Primeiro encontro

No primeiro encontro foram recepcionadas as participantes e dado início ao clube com a apresentação pessoal das coordenadoras e do projeto. Além disso, foi informado às participantes que, uma vez mapeados e analisados os hábitos de leitura dos estudantes universitários durante a pandemia, que o clube foi organizado considerando: 1) o recorte interseccional no mercado editorial; 2) mudanças em relação aos hábitos de leitura; 3) tomada de consciência das escolhas de leitura pelo gênero masculino e feminino; e 4) investigação de que forma ler livros escritos por mulheres poderia impactar nas percepções de si e da carreira. Diante disso, seria solicitado que todas as participantes respondessem a um questionário antes do início do clube, assim como após o último encontro do projeto. Em seguida, foi realizada a apresentação das participantes através de um livro escrito por uma mulher escolhida por elas. Tal estratégia foi escolhida visando valorizar as obras escritas por mulheres, potencializar a partilha e despertar o interesse das participantes desde o ingresso no clube, ao mesmo tempo que propiciava um meio delas se conhecerem melhor, descobrirem novos livros e escritoras. No momento da apresentação também foi pedido que elas

falassem nome, idade, onde moravam, curso, e o que mais elas achassem importante contar ao grupo naquele primeiro momento.

A apresentação do livro foi a atividade principal do encontro, no qual cada uma das participantes teve um momento de fala e partilha da sua escolha de leitura. Durante cada apresentação, as coordenadoras tomaram o cuidado de se revezar para pontuar as falas das participantes e agradecer pela partilha; as participantes também se organizaram e tomaram a iniciativa de se inscreverem no chat do grupo para falar. Outra ideia que surgiu através das participantes foi a de criar uma lista no grupo de Whatsapp, ao término do encontro, com todas as indicações de leitura, para que todas tivessem acesso aos livros mencionados. A Tabela 4 apresenta todos os livros citados pelas participantes durante este primeiro encontro.

Tabela 4

Livros citados pelas participantes durante a apresentação

Clube de Leitura Feminista		
Lista de livros citados pelas participantes durante a apresentação		
	Livro mencionado	Autora
1	Uma História de Perdão E Cura	Stormie Omartian
2	As Cientistas: 50 Mulheres que Mudaram o Mundo	Rachel Ignatofsky
3	Sorrisos Amarelos: Histórias de jovens mulheres orientais no Brasil	Marina Yukawa
4	Persépolis	Marjane Satrapi
5	Pequeno Manual Antirracista	Djamila Ribeiro
6	Teoria King Kong	Virginie Despentes
7	A Morte é um Dia Que Vale a Pena Viver	Ana Cláudia Quintana Arantes
8	Quarto de Despejo	Carolina Maria de Jesus
9	A guerra não tem rosto de mulher	Svetlana Aleksievitch
10	Orgulho e Preconceito	Jane Austen
11	Sobre os Ossos dos Mortos	Olga Tokarczuk
12	Os sete maridos de Evelyn Hugo	Taylor Jenkins Reid
13	Ponciá Vicêncio	Conceição Evaristo
14	A Casa dos Espíritos	Isabel Allende
15	A Legião Estrangeira	Clarice Lispector
16	Diário de Anne Frank	Anne Frank
17	O Mito da Beleza	Naomi Wolf
18	Tudo sobre o amor: novas perspectivas	Bell Hooks

No final do primeiro encontro, foi retomada a questão das orientações para a convivência em grupo, para que o ambiente do clube de leitura fosse bom para todas as participantes e elas pudessem se sentir confortáveis para participar e trazer suas experiências, questionamentos e

reflexões ao longo dos seis meses que teriam juntas. Foi programado também perguntar às participantes o que elas gostariam que acontecesse no clube e o que não gostariam que acontecesse. No entanto, não houve tempo suficiente e decidiu-se pelo envio de um formulário aberto e anônimo, no qual as participantes poderiam responder opcionalmente sobre o que elas gostariam que acontecesse no clube e o que não gostariam que acontecesse. O resultado seria apresentado no segundo encontro e faria parte das orientações para a convivência em grupo.

Por último, foi mencionado o livro do segundo encontro, reforçado que os encontros do clube de leitura iriam acontecer mensalmente, e na primeira quinta-feira de cada mês, além disso foi apresentado o primeiro desafio do Clube de Leitura Feminista: “se você tirar da sua prateleira todos os livros escritos por homens, quantos sobram?”. Foi pedido para as participantes que ao longo da semana elas tirassem uma foto da estante de livros e, depois, retirassem todos os livros escritos por homens para avaliar quantos sobrariam e tirassem uma foto para comparar a diferença. Caso se sentissem à vontade, poderiam compartilhar as fotos no grupo do Whatsapp e contar suas impressões dessa experiência. Esse foi o primeiro desafio proposto, como uma forma de potencializar as discussões, engajar as participantes e proporcionar trocas assíncronas no grupo do Whatsapp, para além dos encontros síncronos. Segue abaixo o relato de duas participantes do clube de leitura após o desafio:

Gente... Os livros de ficção aqui de casa são majoritariamente de homens. Essa estante é minha e do meu esposo, mas parece que a gente só lê homens quando se trata de ficção (P4 – 2021).³

Bom dia, mulheres! Me arrisquei em fazer o desafio que as meninas tinham comentado sobre os livros na estante e confesso que fiquei um pouco chocada e reflexiva com o resultado. Esperava que tivesse mais autoras na estante visto que a maior parte dos meus livros são protagonizados por mulheres, mas acabei

³ Para preservar o anonimato, os nomes das mulheres foram codificados em função do número de participantes do grupo, sendo P para se referir às participantes.

percebendo que tenho mais homens narrando sobre mulheres do que mulheres falando sobre mulheres. Vou mostrar aqui o resultado e é um desafio que vale muito a pena fazer porque dá uns gatilhos legais na gente [...] Uma das coisas que me tocou bastante também foi que eu tenho muitos livros dentro da área acadêmica do meu curso, mas dentre todos apenas um foi escrito por uma mulher e isso foi praticamente um tapa na minha cara porque agora eu to aqui pensando onde está a voz das mulheres cientistas. A gente tem muita mulher na ciência e me incomodou o fato de eu não conhecê-las, não conhecer o trabalho delas tanto quanto eu conheço de homens (P7 – 2021).

Notou-se que, no primeiro mês, as participantes usaram o grupo do Whatsapp com frequência para compartilharem sugestões de leituras específicas, trocar experiências sobre leitores digitais, compartilhar promoções de livros, seus trabalhos e matérias sobre mulheres na mídia, além de tirar dúvida sobre o livro que seria lido naquele mês no clube de leitura. O desafio 1 parece ter ajudado as mulheres a tomar consciência sobre suas escolhas de leitura, o que consumiam e a ausência de mulheres na ficção e na ciência. Surgiu também a reflexão de como fazer a contagem para quem compra muitos livros no formato e-book, pois o livro físico fica mais perceptível a diferença, porém para os livros digitais seria mais difícil fazer a comparação.

4.4.3 Segundo encontro

O segundo encontro tinha como tema "O que significa ser feminista?" e o livro escolhido para o encontro foi "Sejamos Todos Feministas" (2015), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. O objetivo do encontro era colocar em pauta as implicações de se denominar feminista, gerar identificações com episódios narrados pela autora e refletir sobre a marginalização das escritoras no mercado editorial. De início, foram apresentados os dados do mapeamento de hábitos de leitura de estudantes universitários, realizado no período de novembro a janeiro de 2020, o qual

discorria sobre o aumento do hábito de leitura durante a pandemia, e que no entanto apontava para uma baixa quantidade de citações de livros escritos por mulheres.

Os resultados foram apresentados através de um *dashboard* do Power BI, subdividido em três painéis. O primeiro painel era uma caracterização da amostra, o segundo painel informava a quantidade de livros citados pelo gênero masculino e feminino e o último painel apresentava o ranking das citações a partir dos filtros feminino e masculino. Era também possível segmentar a apresentação a partir dos filtros de área e curso, os quais explicitavam os resultados em gráficos, de forma dinâmica e em tempo real. A apresentação foi realizada por uma das coordenadoras do grupo, porém antes da apresentação de cada resultado foram feitas perguntas para as participantes sobre se elas tinham ideia dos hábitos de leitura dos universitários na quarentena, se foram citados mais livros escritos por homens ou mulheres, qual seria a porcentagem de diferença, caso houvesse e quais foram os autores e autoras mais citados.

Após a apresentação dos dados houve a abertura para as participantes compartilharem suas impressões, perguntas e reflexões. As participantes, no geral, ficaram muito surpresas com a diferença da quantidade de livros citados por homens e mulheres, assim como o resultado do *ranking* em relação às citações pelo público. Em seguida, foi realizada uma discussão sobre os resultados obtidos da marginalização dos livros escritos por mulheres no mercado editorial e seu reflexo nos hábitos de leitura e consumo. Nesse momento, foi também retomado o Desafio 1, que representou uma forma de avaliar na prática se elas estavam lendo livros escritos por homens na mesma proporção que livros escritos por mulheres, quais leituras e referências de livros elas tinham.

Na segunda parte do encontro, as coordenadoras deram abertura para as participantes compartilharem como foi a leitura do livro “Sejamos Todos Feministas” (2015) e quais reflexões a obra gerou. Foi também feito o combinado com as participantes de elas tentarem fazer falas que ficassem dentro de uns 3 minutos no máximo, para que todas que desejavam compartilhar conseguissem falar a respeito.

Ao final, foi mencionado o livro do terceiro encontro, reforçando-se que os encontros iriam continuar mensalmente, na primeira quinta-feira de cada mês. Em seguida, foi apresentado o segundo desafio: “como seria o mundo para você se criássemos crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero?”. O desafio foi baseado em Chimamanda Ngozi Adichie, autora do livro “Sejam todos feministas”, que havia sido lido pelas participantes no mês em questão. Para contextualizar o desafio, foi apresentado o seguinte trecho do livro:

“Costumava observar minha avó, uma mulher brilhante, e ficava imaginando o que ela poderia ter sido se durante a juventude tivesse tido as mesmas oportunidades que os homens. Hoje, diferente do que acontecia na sua época, há mais oportunidades para as mulheres — houve mudanças nas políticas e na lei, que foram muito importantes. Mas o que realmente conta é a nossa postura, a nossa mentalidade. E se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gênero?” (Adichie, 2015, p. 38)

A partir do trecho convidou-se as participantes a contarem o que as palavras da autora lhes provocavam por meio de recursos artísticos: um desenho, uma tirinha, uma poesia, crônica, etc. Segue abaixo o material produzido por duas participantes do clube de leitura após o desafio:

Figura 11

Bordado com a frase da Michelle Obama feito por uma das participantes do clube



Escolhi esse bordado com a frase da Michelle Obama que representa a minha perspectiva sobre a sociedade, já que se não houvessem tantos limites que nos são impostos, conquistaríamos muito mais do que já conquistamos! (P11 – 2021).

“O que é ser mulher? É ser criada com uma liberdade limitada. É ter diariamente sua identidade apagada. É ter opiniões, decisões, ações, atitudes cotidianamente questionadas. É ter as asas cortadas assim que sai do berço. É ser grandiosa, mas sempre dentro dos limites aceitáveis. Ser mulher é levar constantes marretadas para que assim você caiba na pequena caixinha que fizeram pra você. É ser diminuída para se encaixar no mundo, quando o mundo deveria se expandir para acompanhar a grandiosidade que uma mulher carrega. É ter que lidar com os espinhos pontiagudos que te atacam com vozes estrondosas, sempre berrando:

- Ora, sabe cozinhar? Com certeza vai ser uma boa esposa!*
- Ora, não sabe cozinhar? Coitado, o marido vai morrer de fome! - Disseram para a criança de 10 anos.*
- Quer ser escritora? Mas isso não é tão coisa de mulher, que tal fazer artesanato?*
- Quer ser astronauta? Mas isso é coisa de homem, mulher não serve pra isso não!*
- Quer ser engenheira? Com certeza não vai dar certo, é muita pressão e mulher chora por qualquer coisa!*
- Quer ser cientista? Tem certeza? Mulher não é tão inteligente!*
- Quer abrir uma empresa? Sério mesmo? Mulher não sabe cuidar de negócios!*
- Quer ser piloto? Tá de sacanagem, né? Mulher no volante é morte na certa!*
- Falando de política? E mulher lá entende de política?*
- Gosta de futebol? Então me fala o nome dos jogadores que ganharam o jogo de dez anos atrás!*
- Quer trabalhar fora, mas e a casa, quem vai cuidar?*
- Quer viajar pelo mundo? Mas e os filhos, quando vão vir?*

- *Virou chefe? Cuidado pra não ser irracional!*
- *Não quer filhos? Mas mulher nasce com o instinto materno!*
- *Quer ser dançarina? Mas isso é tão vulgar pra uma mulher!*
- *Não tem marido? Coitada...*
- *Iih, tá brava? Aposto que é TPM!*

Cada espinho perfura a pele com uma força bruta, vai queimando e incendiando o corpo, vai exaurindo as forças até não restar mais nada e é assim que damos adeus aos grandes talentos. Quando se perfura tanto a nossa pele, as fronteiras do universo concebido às mulheres parecem paredes de uma cela, e a sociedade que joga esses espinhos promove o genocídio de uma diversidade tão bonita. Lutadoras, pilotas, escritoras, médicas, engenheiras, cientistas, e tantas outras personalidades deixam de existir e o mundo vai perdendo cada vez mais oportunidades de se reinventar. Mas se olhássemos os talentos, sem ponderar o gênero, sinalizaríamos liberdade, promoveríamos risos, aventuras e diversões. Daríamos ao mundo pessoas extraordinárias, com força para arrebentar as correntes que nos prendem a tantas injustiças. Se olhássemos os talentos, não precisaríamos ter uma corrida contínua de obstáculos. Mulheres não precisariam viver tentando driblar todos os 'nãos' que já vêm com o fato de ter apenas nascido mulher. A luta contra todos os tabus, poderia, finalmente, mostrar indícios de vitória.” (P7 – 2021).

Notou-se que neste mês, as participantes usaram bastante o grupo do Whatsapp para trocar mensagens a respeito do encontro, avisar sobre atrasos ou a ausências e compartilhar indicações das leituras feitas durante o encontro. Uma das participantes também usou o grupo do para compartilhar uma situação vivenciada, no seu cotidiano, onde foi prejudicada durante o uso de um aplicativo de transporte. Foi observado nessa ação uma abertura por parte da participante em contar com o grupo como uma possível rede de apoio, de forma que ao relatar a situação, algumas mulheres retornam a

mensagem acolhendo a participante e deram sugestões de enfrentamento para a questão vivenciada. Além disso, foram compartilhados episódios de Podcasts feito por mulheres⁴, por mais de uma participante.

O Desafio 2 pareceu ter ajudado as participantes a refletir sobre a diferença na socialização em relação ao gênero masculino e o feminino. Houve questionamentos sobre o lugar que a mulher é colocada na sociedade e quantas foram desmotivadas a seguir carreiras que fugiam do estereótipo feminino, ou se dentro do estereótipo, quando um homem às ocupava ganhava ainda mais destaque e atenção.

Quantas cientistas, médicas, professoras, engenheiras, matemáticas, filólogas, químicas, empresárias não deixaram de existir por terem sido tão questionadas sobre suas escolhas, ao ponto de surgir aquela dúvida "será que isso é realmente pra mim?". Então acredito que se tivéssemos uma sociedade que olhasse para talentos, teríamos pessoas extraordinárias tendo a oportunidade de fazer coisas extraordinárias (P7 – 2021).

Nossa isso é tão real. Li um livro uma vez, não vou lembrar a autora, mas é uma matemática que fala justamente sobre isso, que as mulheres não são tidas boa com exatas, e que isso diminui o número de mulheres brilhantes que poderiam estar nessa área. Muito triste! Gostei muito da reflexão P7, de fato importante (P11 – 2021).

4.4.4 Terceiro encontro

O terceiro encontro teve como tema "Feminismo Negro" e o livro escolhido para o encontro foi "O feminismo é para todo mundo" (2018), da escritora estadunidense Bell Hooks. O objetivo

⁴ Podcast 1: Think Olga Para Escutar - Ideias que Mudam o Mundo episódio "A saúde mental das mulheres que cuidam | Laboratório Think Olga". Podcast 2: Bom dia, Obvious episódio "Especial Mês das mulheres: Felicidade Feminina".

foi fornecer um panorama geral sobre políticas feministas a partir de um olhar interseccional, de raça, gênero e classe social. Para este encontro foi convidada uma psicóloga e pesquisadora especialista em gênero e raça para atuar como facilitadora. Na primeira parte do encontro, a convidada fez uma breve apresentação de toda a obra e dos pontos principais discutidos pela autora. Posteriormente, abriu-se a discussão para que as participantes pudessem fazer perguntas a respeito da fala feita pela convidada e/ou partilhar com o grupo quais reflexões que a leitura gerou.

No final do terceiro encontro, foi mencionado o livro do próximo encontro e foi apresentado o terceiro desafio, inspirado na autora Bell Hooks: “qual música te faz refletir sobre ser mulher ou te dá forças para enfrentar momentos difíceis? Neste desafio foram feitas três perguntas para ajudar na escolha da(s) música(s) 1) Qual música te faz refletir sobre ser mulher? 2) Qual música te dá força em momentos difíceis? e 3) Se pudesse escolher uma música para contar sobre feminismo sem mencionar o que é feminismo, qual seria? Foi solicitado que as participantes adicionassem as músicas em uma *playlist* que seria compartilhada com todo o grupo. Na Tabela 5 consta a lista das músicas adicionadas pelas participantes.

Tabela 5
Playlist Coletiva do Clube de Leitura Feminista

Clube de Leitura Feminista		
<i>Playlist criada coletivamente pelas participantes do clube</i>		
	Música	Intérprete
1	Triste, Louca ou Má	Francisco, el Hombre
2	Pretty Hurts	Beyoncé
3	Desconstruindo Amélia	Pitty
4	Não Precisa Ser Amélia	Bia Ferreira
5	Quem sabe sou eu	Iza
6	Maria da Vila Matilde	Elza Soares
7	Miss Beleza Universal	Doralyce
8	Todxs Putxs	Ekena
9	Female Energy, Part 2	Willow
10	Mulher do Fim do Mundo	Elza Soares

Notou-se que, neste mês, as participantes usaram o grupo do Whatsapp para atualizar-se em relação aos encontros, avisar sobre o atraso ou a ausência, divulgar sobre as promoções dos livros do próximo mês e compartilhar uma matéria na mídia sobre mulheres e mercado editorial. Além

disso, as coordenadoras usaram o grupo para compartilhar a *playlist* coletiva e ajudar as participantes que estavam com dificuldade em adicionar música no *link* indicado.

4.4.5 Quarto encontro

O quarto encontro tinha como tema "Poemas, quadrinhos, manuais, romances..." e foi selecionado mais de um livro. Nesse mês, as participantes poderiam escolher qual dos livros indicados elas tinham preferência em ler. A proposta era um encontro mais livre, que as participantes pudessem escolher o gênero literário com o qual mais se identificassem, simbolicamente demonstrando que a literatura possibilita formas distintas de expressão para uma mesma questão, não existindo escolha certa ou errada. O primeiro livro selecionado pelas coordenadoras foi "Um útero é do tamanho de um punho" (2012) da poeta brasileira Angélica Freitas, o segundo livro foi "Persépolis" (2008) da romancista franco-iraniana Marjane Satrapi, e o terceiro livro foi "Clube da luta feminista: Um manual de sobrevivência" (2016) da jornalista norte-americana Jessica Bennett. Respectivamente, se qualificam nos gêneros textuais poesia, HQ autobiográfica e um manual.

O objetivo do encontro era apresentar as múltiplas narrativas, gêneros literários e formas de expressão que a literatura possibilita, com o princípio de todos os livros serem escritos por mulheres. Visto que uma discussão levantada anteriormente no grupo foi sobre a desigualdade de gênero na literatura e a marginalização das obras escritas por mulheres, era importante o Clube de Leitura Feminista despertar reflexões sobre os hábitos de leitura, sobre quem escreve e sobre o que se escreve. Para esse encontro foi solicitado que, entre os três livros indicados, cada participante escolhesse aquele que mais lhe interessasse a leitura. O ponto em comum dos livros selecionados foram as narrativas escritas por mulheres sobre ser mulher, experienciar essa condição em um sistema patriarcal e a possibilidade de aprender e refletir sobre essa questão em fontes alternativas.

No dia do encontro, foi realizado um breve treinamento sobre como identificar comportamentos e problemas voltados para o ambiente de trabalho, inspirado no livro Clube da Luta feminista: um manual de sobrevivência (para um ambiente de trabalho machista), com foco na

identificação dos fenômenos *Mansplaining*, *Maninterrupting* e *Bropriating*. Foram apresentados vídeos e exemplos a respeito de cada um dos conceitos. O primeiro vídeo⁵ gerou raiva e indignação, o que suscitou muitas falas. As participantes relataram ter vivenciado situações semelhantes na escola, na faculdade e no trabalho. Logo em seguida foram apresentadas estratégias de enfrentamento, como o “Pega verbal”, “Feminterrompa”, copiloto e o “e-vidências”. Uma das participantes sugeriu uma estratégia em forma de anedota: confrontar o outro anotando no papel qual informação era nova para ela. No geral, as participantes aprovaram as estratégias e deixou-se como dica treinar com familiares e pessoas de confiança, para posterior aplicação com colegas de trabalho ou faculdades, assim como demais contextos.

Em seguida, foi aberta a roda de conversa para as participantes compartilharem sobre o livro que escolheram, o porquê da escolha e o que a leitura despertou. A maioria das participantes elegeu o livro “Um útero é do tamanho de um punho”. Quando foi perguntado o que levou elas a escolherem o livro, surgiram falas sobre: (1) tentativa de retorno à poesia e o desejo de conhecer mais poetisas, (2) vontade de ler poesia como forma de aconchego no momento que estava vivendo e (3) necessidade de dar uma chance para esse gênero literário em específico.

No final do encontro foi solicitado *feedback* sobre a curadoria dos livros e como estava sendo participar dos encontros. Sobre os livros, recebeu-se como sugestão em uma próxima edição selecionar mais livros de mulheres brasileiras. Já sobre participar dos encontros, obteve-se como respostas: (1) um espaço de descanso e alívio, (2) possibilidade de desabafar e ser compreendida, (3) construção coletiva e (4) acolhimento. Já duas participantes responderam essa pergunta com citações:

Era uma vez uma mulher/ e ela queria falar de gênero/ era uma vez outra mulher/ e ela queria falar de coletivos/ e outra mulher ainda/ especialista em declinações/ a

⁵ Porta dos Fundos. (2019, 14 de fevereiro). MANSPLAINING [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=PkpKn-Navsc>

*união faz a força/ então as três se juntaram/ e fundaram o grupo de estudos/ celso pedro luft*⁶ (P2 – 2021).

*Nós somos pessoas perdidas que se encontraram por caminhos tortuosos para nos perdermos juntas*⁷ (P7 – 2021).

Ao final do encontro, foram mencionados os livros do próximo encontro e reforçado que os encontros do clube de leitura iriam continuar mensalmente, na primeira quinta-feira de cada mês. Em virtude de a maioria das participantes serem universitárias e estarem se encaminhando para o final do semestre, não foi proposto nenhum desafio. No mês em questão observou-se que o grupo de Whatsapp foi usado para avisar sobre atraso ou ausência, indicação cinematográfica e partilha da entrevista de uma das escritoras lidas pelo clube, que gerou bastante engajamento entre as participantes e comentários a respeito. Além disso, as coordenadoras divulgaram detalhes de como seria o próximo encontro e enviaram o material de divulgação para as participantes convidarem outras pessoas que tinham interesse em participar do primeiro encontro aberto do clube.

4.4.6 Quinto encontro

O quinto encontro tinha como tema "Experiência de escrita e publicação: já pensou em escrever um livro?" e os livros escolhidos para o encontro foram "Viagem Marcada" (2014) da psicóloga Caroline Pozzobon e o livro "Homens que nunca conheci" (2020) da jornalista brasileira Máira Valério. O objetivo do encontro era convidar escritoras que publicaram livros para a partilha de suas experiências no mercado editorial; abordar as dificuldades do processo de publicação de um livro e de ser escritora no Brasil; percepções acerca dessa carreira para as mulheres; divulgar o livro das convidadas e incentivar mulheres que desejassem também publicar um livro.

⁶ Freitas, A. (2012). *Um útero é do tamanho de um punho*. Editora Cosac Naify.

⁷ Chor, R. (2018). *A Poesia Carnal da Mulher*. Publicação Independente.

Portanto, foi realizado um encontro aberto ao público externo que estivesse interessado em escrever um livro, assim como em entender sobre o processo de escrita e publicação. Portanto, foi realizada a divulgação do encontro aberto, das convidadas e seus respectivos livros. O encontro ocorreu em formato de roda de conversa, no qual foram compartilhadas as percepções das convidadas a respeito do mercado editorial, experiências e os desafios de ser escritora.

Durante o encontro foram tiradas dúvidas pontuais das participantes sobre como ocorre o processo de produção de um livro, como procurar uma editora para publicação de acordo com o público de interesse e quais possibilidades há para quem tem interesse em ilustrar livros. Uma pauta que se destacou, de comum acordo entre as convidadas, foi sobre a dificuldade das mulheres em se reconhecerem como escritoras, apesar de já terem livros publicados ou de terem o hábito de escrita. Discutiu-se sobre como isto geralmente não acontece com os homens.

Queria agradecer aqui ao grupo pela discussão tão rica, e principalmente pelos comentários da Carol e da Máira, vocês são inspiradoras! Que todas nós passamos a ter coragem pra nos intitularmos escritoras, pesquisadoras e que somos merecedoras desse status tanto quanto os homens (P12 – 2021).

No final do encontro, foi mencionado o livro do sexto encontro e lembrado que este seria o último encontro do clube. Em relação ao grupo de Whatsapp, notou-se que foi usado pelas participantes para parabenizar pela organização do encontro, partilha de evento de literatura e de uma pesquisa que estava sendo realizada por uma aluna da instituição.

4.4.7 Sexto encontro

O sexto encontro tinha como tema "Como a leitura me liberta?" e o livro escolhido para o encontro foi "Empoderamento" (2019) da escritora brasileira Joice Berth. O objetivo do encontro era apresentar a noção de que o empoderamento é apenas efetivo se for voltado para a coletivo e não apenas para o nível individual. Adicionalmente, visou-se encerrar os encontros do Clube de Leitura Feminista e solicitar *feedbacks* das participantes sobre o projeto.

De início, as participantes foram recepcionadas e convidadas a comentar a leitura do livro do mês. Para isto foi usado o Mentimeter, uma plataforma de perguntas com resultados em tempo real. Os resultados eram anônimos e surgiam na tela assim que as participantes enviavam suas respostas, que foram utilizadas para discutir a relação do conceito de empoderamento no cotidiano, assim como sua relação com o clube de leitura. As respostas que se destacaram e foram dadas por mais de uma participante foram liberdade e autoconhecimento, no entanto, também apareceu que empoderamento era para elas: poder, consciência, identidade, transformação social, resistência, coletivo, união, processo lento e gradual, autoconhecimento, confiança, justiça, força e informação.

A segunda parte do encontro centrou-se na pergunta de “por que ler mulheres?”, e mais uma vez foi usado o Mentimeter como um estímulo para o diálogo, no qual as participantes tinham a oportunidade de elaborar suas respostas acerca do questionamento. A seguir são apresentadas algumas das respostas dadas:

*Ler mulheres é acima de tudo um ato de empoderamento, sororidade e construção de um coletivo. É por meio desse ato que conseguimos nos encontrar e nos reconhecer, perceber que não estamos sós e que há vozes para se juntar em nossa luta (P*⁸ – 2021).*

Pra me reconhecer, me entender a partir desses escritos e também pra unir-me a outras vozes. Cada mulher tem uma realidade que deve ser compreendida e evidenciada. No fim, todas compartilhamos situações que podem nos unir e nos deixar mais fortes (P – 2021).*

Pois nós mulheres temos muito a dizer, a escrever. Pois, juntas, podemos refletir sobre nós mesmas, nossas trajetórias e a importância de transformarmos a nossa sociedade capitalista, desigual e opressora (P – 2021).*

⁸ P* referem-se às respostas dadas pelas participantes na plataforma Mentimeter, essas respostas em questão foram dadas anonimamente.

Porque precisamos apoiar umas às outras, até através da leitura, tirar essa rivalidade que é criada de certa forma pela sociedade (P – 2021).*

A leitura de autoras nos proporciona conhecimento de mundos e vivências amplas e ricas. Além do incentivo e apoio as diversidades femininas (P – 2021).*

Se quisermos ter um mundo novo e mais justo, temos que começar hoje. A cultura machista pode mudar, mas se não nos alertarmos sobre detalhes, nunca teremos um quadro com todas as cores (P – 2021)!*

Porque precisamos apoiar as outras, seja através da leitura, seja pelas atitudes, seja pela dor que é diferente da minha. Precisamos dar as mãos umas para as outras, e andarmos juntas contra o machismo e outras questões sociais que nos rondam (P – 2021).*

Após as coordenadoras apresentarem as respostas das participantes, foi também perguntado o que elas levariam do clube, como foi a experiência de cada uma e qual espaço o grupo teve no seu dia a dia. No final do encontro, ficou combinado que a permanência no grupo do Whatsapp ficava a critério de cada participante, assim como a forma pela qual seria usado. Por último, as coordenadoras também lembraram as participantes que um dos objetivos do Clube de Leitura Feminista era investigar de que forma ler livros escritos por mulheres podem impactar nas percepções de si e da carreira. Dessa forma, conforme combinado no início do clube, seria repassado novamente um questionário, sendo a participação livre e voluntária.

Após o término dos encontros, o grupo no Whatsapp continuou e, até o presente momento deste relato, foi usado para divulgação de eventos, editais, projetos universitários, abaixo-assinados, compartilhamento de *ebooks*, vídeos, lançamento de livros e de materiais sobre diversidade, equidade e inclusão. Entende-se então que curiosamente o grupo se consolidou como um espaço de troca, partilha e divulgação, mesmo depois do encerramento do clube de leitura.

5 Instrumentos

5.1 Identificação feminista

A identificação feminista foi medida em duas seções a partir de quatro itens desenvolvidos por Williams e Wittig (1997), os quais foram traduzidos para o português. Na primeira seção, as participantes responderam em uma escala de um (“discordo totalmente”) a seis (“concordo totalmente”) o quanto concordavam com seguintes as sentenças (de até): 1) “Não sou feminista, mas apoio os ideais do movimento”, 2) “Eu me autodeclaro feminista”, 3) “Eu não apoio os ideais feministas” e 4) “Eu não considero o feminismo algo importante”. Na segunda seção, foi solicitado às participantes que selecionassem, das quatro sentenças, qual delas a descreveriam melhor. Como recomendação das autoras, aquelas que selecionaram o primeiro item foram categorizadas como: mulheres que se identificam com o feminismo, mas resistem em se declarar feministas. Já aquelas que selecionaram o segundo, seriam categorizadas como mulheres que se identificaram com o movimento e se autodeclararam feministas. O Anexo A apresenta os itens deste questionário.

5.2 Papéis de gênero

A variável papéis de gênero foi medida a partir de quatorze itens construídos e validados por Barros, Natividade e Hutz (2013) a partir de um levantamento empírico sobre papéis típicos de homens e mulheres no Brasil. O instrumento é composto por 14 itens, sendo a primeira dimensão 7 características classificadas como representativas da feminilidade: sensível, acolhedor (a), amável, intuitiva (o), compreensiva (o), emotiva (o) e afetuosa (o). A segunda dimensão possui 7 características classificadas como representativas da masculinidade: autoconfiante, líder, com poder, administrador (a), prática (o), livre e que gosta de correr riscos. Seguidas por uma escala de sete pontos para que as participantes pudessem julgar o quanto concordavam que a expressão as descrevia adequadamente; sendo o ponto 1 discordo totalmente e o ponto 7 concordo totalmente . A média na dimensão Feminilidade foi de 5,06 (DP=0,90) e na dimensão Masculinidade foi de 4,62 (DP=0,84). O índice foi verificado por meio do Coeficiente Alfa de Cronbach, sendo para

Feminilidade igual a 0,76 e para Masculinidade, 0,70. Isto evidencia que o instrumento possui consistência interna adequada (Barros, Natividade e Hutz, 2013). O Anexo B apresenta os itens desta escala.

5.3 Autoeficácia profissional

A autoeficácia profissional é uma das variáveis das Escalas de Desenvolvimento de Carreira de Universitários (Teixeira, 2010). Foi utilizada para avaliar a autoeficácia das participantes por meio de um questionário composto por 10 itens. Exemplos de itens: "Eu me considero uma profissional bem preparada na área em que atuo ou pretendo atuar" e "Acho que não tenho conhecimentos suficientes para exercer minha profissão satisfatoriamente". As respostas variam em uma escala Likert de cinco pontos, indicando os níveis de concordância com as afirmações, que vão de (1) Discordo totalmente, (2) Mais discordo que concordo, (3) Em dúvida, (4) Mais concordo que discordo, (5) Concordo totalmente. O Anexo C apresenta os itens dessa escala. Resultados iniciais de estudo de validação do instrumento, obtidos através de processos de análise semântica por juízes e de análises fatoriais, indicam a validade do mesmo, bem como bons índices de consistência interna, entre 0,70 e 0,89 (Teixeira, 2010).

6 Procedimentos e análise de dados

O Clube de Leitura Feminista foi conduzido por 2 graduandas do curso de Psicologia, sob a supervisão de uma professora especialista em questões de gênero e carreira. A condução do projeto se inspirou nos Grupos de Conscientização (GC) conforme descritos por Hooks (2020), na qual o ponto central era o diálogo e a comunicação. As mulheres se revezavam para falar, garantindo que todas pudessem ser ouvidas (modelo não hierárquico), além de prezar por disseminar o conhecimento produzido por elas, principalmente em relação à discussão de livros a respeito de políticas feministas. Adicionalmente, as coordenadoras do clube selecionaram os livros que seriam lidos em cada encontro e também forneceram desafios para reflexão das participantes e

engajamento durante o projeto. As participantes eram livres para realizar ou não os desafios, assim como para compartilhar com o grupo suas reflexões, caso se sentissem à vontade.

Cada encontro tinha a duração de 1h30min, sendo realizados ao todo 6 encontros, cada um deles com uma temática definida de acordo com o livro selecionado. A leitura dos livros era usada como estímulo e pano de fundo das discussões de gênero. Foi fornecido apoio na travessia de sentimentos que surgiam, assim como para as reflexões a respeito dos temas levantados, muitas vezes sensíveis às participantes, tais como padrões estéticos, racismo, machismo, sexismo, etc. Também houve o acolhimento em relação a esses aspectos que surgiram e o incentivo às participantes para compartilhar com o grupo estratégias e/ou reflexões para o enfrentamento das dificuldades levantadas.

A análise do impacto do clube de leitura nas percepções de si e da carreira das mulheres participantes se deu através da comparação das respostas aos instrumentos em dois tempos – antes do início dos encontros (T1) e após a finalização do processo (T2). Logo, os mesmos questionários foram utilizados em dois momentos diferentes, antes do início do Clube de Leitura Feminista, em março de 2021, e após seu término, em agosto de 2021.

No primeiro questionário, participaram 25 mulheres, e no segundo, 12 mulheres, no entanto, foram consideradas apenas as mulheres que responderam o formulário antes e depois da participação no clube de leitura e estiveram em mais da metade dos encontros. A partir desses critérios, a amostra contou com 10 mulheres. O questionário sócio-demográfico também foi preenchido pelas participantes, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após os devidos esclarecimentos éticos e a aceitação em participar da pesquisa. O Apêndice B e o Apêndice C, apresentam respectivamente o TCLE e o questionário sócio-demográfico.

Quanto à análise de dados, os questionários foram analisados por meio do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 20, um *software* utilizado para a análise quantitativa, no qual os dados foram tabulados. Para o teste das hipóteses, foi realizado Teste T de

Amostras em Pares, pois permite comparar os resultados de uma mesma amostra em dois momentos distintos da coleta de dados.

7 Resultados

A Tabela 6 apresenta as estatísticas descritivas obtidas a partir da análise dos dados dos questionários de autoeficácia profissional e papéis de gênero, assim como os resultados de significância do Teste T de Amostras em Pares para diferenças de médias.

Tabela 6

Diferenças de média das variáveis e respectiva significância do Teste T antes e depois da participação no clube (N=10)

Questionário/Fatores			T1	T2	Significância
Autoeficácia Profissional		Média	4,36	4,71	$p=0,02^*$
		DP	0,72	0,74	
Papéis de Gênero	Intuitiva	Média	5,30	5,50	$p=0,509$
		DP	0,67	0,97	
	Acolhedora	Média	6,00	5,90	$p=0,758$
		DP	0,94	1,19	
	Afetuosa	Média	5,20	5,70	$p=0,322$
		DP	1,61	1,16	
	Sensível	Média	5,90	5,90	$p=1,000$
		DP	1,10	0,87	
	Compreensiva	Média	6,00	5,90	$p=0,798$
		DP	0,81	1,37	
	Emotiva	Média	5,50	5,20	$p=0,279$
		DP	0,85	1,22	
	Amável	Média	5,40	5,10	$p=0,560$
		DP	1,26	1,28	

Autoconfiante	Média	4,10	5,00	$p=0,019^*$
	DP	1,59	1,49	
Administradora	Média	4,80	5,30	$p=0,299$
	DP	1,39	1,41	
Prática	Média	5,00	5,30	$p=0,343$
	DP	1,15	1,41	
Livre	Média	4,30	4,60	$p=0,013^*$
	DP	1,16	1,07	
Líder	Média	5,10	4,80	$p=0,193$
	DP	1,52	1,68	
Com poder	Média	4,30	4,20	$p=0,121$
	DP	1,49	1,54	
Gosto de correr riscos	Média	4,00	4,10	$p=0,758$
	DP	1,33	1,37	

Nota: DP= Desvio padrão; T1 = Primeira aplicação do questionário; T2 = Segunda aplicação do questionário; *. diferenças significantes ao nível de 0,05

Diferenças de média com significância maior do que 0,05 no Teste T de Amostras em Pares aceitam a hipótese nula de que não há diferença significativa entre as médias obtidas em T1 (primeira aplicação do questionário) e T2 (segunda aplicação do questionário). Caso o *p-value* seja menor do que 0,05, rejeita-se a hipótese nula, assumindo que houve diferença significativa entre os resultados obtidos em T1 e T2.

De acordo com a Tabela 6, constata-se que houve aumento significativo na média geral relativa à autoeficácia profissional. Isto indica que há uma baixa probabilidade da diferença observada para variável de autoeficácia profissional ter ocorrido ao acaso e não em razão da realização das intervenções realizadas no Clube de Leitura Feminista.

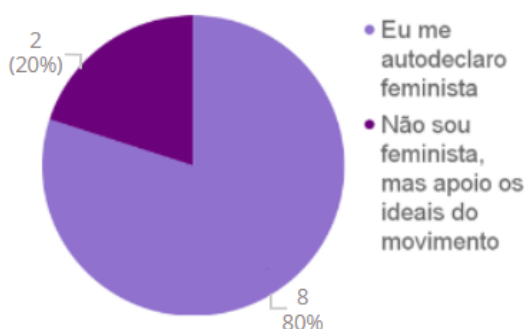
Em relação à variável papéis de gênero, notou-se que houve uma diferença significativa apenas nos itens “autoconfiante” e “livre” ao se comparar as médias antes do início e ao término do

clube de leitura. Para o item “autoconfiante”, foi observado primeiramente uma média inicial de 4,10 e, posteriormente, uma média de 5,00, sendo a diferença entre as médias significativa ($p=0,019$). Por sua vez, no item “livre” foi observado primeiramente uma média inicial de 4,30 e, posteriormente, uma média de 4,60, sendo a diferença entre as médias significativa ($p=0,013$). Mais uma vez, isso indica que há uma baixa probabilidade da diferença observada nos itens “autoconfiante” e “livre” ter ocorrido ao acaso e não em razão da realização das intervenções realizadas no Clube de Leitura Feminista. Não foram observadas diferenças significativas para os outros itens que compuseram a variável papéis de gênero.

Em relação à variável identificação feminista, percebe-se que na primeira coleta de dados, as participantes do grupo já apresentavam um alto nível de identificação feminista (80%), ou seja, a amostra não era tão diversa quanto esperado. Conforme disposto na Figura 12 das 10 participantes, apenas duas não se autorotularam como feministas (20%), apresentando apenas uma orientação pró-feminista.

Figura 12

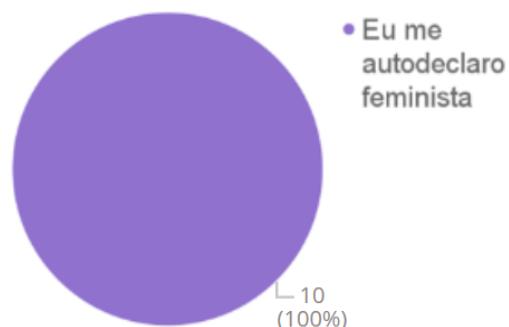
Resultado da primeira aplicação do questionário de identificação feminista



Na segunda aplicação do questionário, representado pela Figura 13, as participantes que anteriormente apresentavam uma orientação pró-feminista, ao final do projeto se autodeclararam feministas. Apesar dessa diferença, a variação foi pequena, dificultando avaliar o impacto da intervenção realizada a nível estatístico.

Figura 13

Resultado da segunda aplicação do questionário de identificação feminista



8 Discussão

A partir dos resultados obtidos, é possível notar o impacto positivo que a leitura exclusiva de autoras em um clube de leitura feminista, teve nas percepções de si e da carreira das participantes mulheres, em sua maioria estudantes universitárias. Na percepção de si, considera-se o resultado significativo dos papéis de gênero e, da carreira, o resultado apontado em relação à autoeficácia profissional.

Em relação à autoeficácia profissional, houve um acréscimo significativo após a participação no clube de leitura. Curiosamente, em uma pesquisa desenvolvida por Casiraghi, Boruchovitch e Almeida (2020), observou-se que as crenças de autoeficácia e o emprego de estratégias de aprendizagem por parte de universitários são fatores que contribuem para potencializar o sucesso acadêmico e a conclusão dos cursos pelos estudantes.

A literatura também evidencia que estudantes universitários que têm maior autoeficácia e confiança sobre suas capacidades apresentam maior motivação para exploração vocacional, tomada de decisões e compromisso com as escolhas profissionais (Lent, Ezeofor, Morrison, Penn & Ireland, 2016). Considerando que a autoeficácia são as percepções que os indivíduos têm sobre suas próprias capacidades, e que elas ajudam a determinar o quanto as pessoas se motivam e perseveram frente a adversidades, assim como as escolhas que elas fazem em suas vidas (Pajares & Olaz, 2008), espera-se que o aumento da autoeficácia profissional gerado pela presente intervenção contribua

para a trajetória profissional das participantes, seja com o aumento de comportamentos exploratórios, tomada de decisão, planejamento da carreira, permanência ou ascensão profissional.

Ressalta-se apenas que as crenças de autoeficácia, apesar de preditores significativos da motivação e do envolvimento na aprendizagem, não serão úteis sem o conhecimento das estratégias de aprendizagem. Similarmente, se não há a crença de que determinado comportamento apresenta a possibilidade de ser bem sucedido, não serão utilizadas tais estratégias (Casiraghi et al., 2020). Isso ocorre porque "nenhum grau de confiança ou de autocompreensão pode produzir o sucesso na ausência de habilidades e conhecimentos necessários" (Pajares & Olaz, 2008, p. 102). A autoeficácia é, então, um importante preditor da motivação, mas precisa estar acompanhada do domínio de conhecimentos específicos.

Em relação aos papéis de gênero, houve uma diferença significativa apenas nos itens "autoconfiante" e "livre", quando comparando as respostas de aplicação dos questionários antes do início e ao término do clube de leitura. É interessante notar que os itens "autoconfiante" e "livre" são categorizados na medida de papéis de gênero (Barros et al., 2013) na dimensão de características classificadas como representativas da masculinidade. Para Eagly, Wood e Diekmann (2000), historicamente, homens são associados às características agênticas e as mulheres às características comunitárias. Isto ocorre porque na medida em que as mulheres ocupavam, mais do que os homens, papéis que exigiam comportamentos comunitários, como cuidados domésticos, do outro e relacionais, essas tendências tornaram-se estereótipos e foram incorporadas a um papel de gênero feminino. Na medida em que os homens, mais do que as mulheres, ocuparam papéis que exigiam comportamentos predominantemente agênticos, como aquisição de recursos ou comportamentos dominantes, essas tendências se tornaram estereótipos e foram incorporadas a um papel de gênero masculino. Consequentemente, o papel do gênero masculino, agêntico, tem maior acesso a status e poder na sociedade, e seus autoconceitos são marcados por sua busca por posições vantajosas nas hierarquias sociais.

Desta forma, o fato de a intervenção realizada pelo clube de leitura ter apresentado resultados significativos em relação aos itens “autoconfiante” e “livre”, dimensão de características classificadas como representativas da masculinidade, significa que a leitura de livros escritos por mulheres em um clube de leitura feminista tem impacto nas crenças de papéis de gênero. Complementarmente, pesquisas sobre clubes de leitura apontam que a motivação de mediadoras de clubes de leitura, para liderarem esses espaços e promover a literatura de autoria feminina, perpassam pela denúncia da desigualdade de gênero no mercado editorial, além de marcadores de classe e raça (Rossi & Brignol, 2020), assim como atravessamentos por relações de poder, da predominância masculina nos processos literários, de quem escreve e até na escolha de quem o lê (Borges, 2020).

O presente estudo também investigou o impacto de ler apenas livros escritos por mulheres, o que ainda timidamente tem sido explorado, como uma forma das mulheres refletirem coletivamente sobre o significado de suas vidas, seu lugar na ordem social, imaginar e desenvolver suas identidades, especialmente como mulheres (Long, 2003). Ao mesmo tempo que possibilita a construção das identidades, proporciona às mulheres investigar crenças construídas a respeito dos papéis sociais dos homens e das mulheres (Eagly e Wood, 2012).

Quanto à identificação feminista, não foi possível interpretar profundamente os resultados obtidos. Nota-se que, já na primeira coleta de dados, as participantes do grupo apresentavam um alto nível de identificação feminista, ou seja, a amostra não era tão variada quanto esperado, o que dificultou análises inferenciais. No entanto, se for considerado que na primeira aplicação do questionário foram obtidas 25 respostas, tem-se o dado que nesse grupo, 36% das participantes não se autorotularam como feministas, apresentando assim uma orientação pró-feminista, e 64% das participantes se autorotularam feministas. Há a possibilidade, então, destas participantes que saíram terem deixado o clube por não compactuar com as pautas feministas levantadas pelo clube de leitura.

Como a literatura científica aponta, há vários estereótipos negativos em torno do feminismo, que dificultam as pessoas a se identificarem com o movimento e se declararem como feministas (Adichie, 2015; Liss, et al., 2001; Reid & Purcell, 2004; Williams & Witting, 1997), o que pode ter desmotivado as participantes a permanecer no grupo quando essas pautas começaram a ser abordadas. Em vista desses dados inconclusivos, incentiva-se que novos estudos sejam realizados para verificar se clubes de leitura têm impacto no desenvolvimento de uma identidade feminista nas mulheres.

9 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo mapear os hábitos de leitura de estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19 e analisar o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura feminista nas percepções de si e da carreira. Considera-se que esses objetivos foram atingidos, visto que o mapeamento de hábitos de leitura trouxe dados significativos, como o aumento do hábito de leitura durante a pandemia e a marginalização das mulheres na literatura. Já no clube de leitura foi possível observar alterações nas variáveis analisadas, havendo aumento significativo nos níveis de autoeficácia e mudanças em relação aos papéis de gênero das participantes. Além disso, foram realizadas intervenções em grupo e idealizado um formato de clube de leitura que se apresentou pertinente e bem aceito pelas participantes, constituindo um modelo possível de ser replicado com outras amostras e/ou variáveis no futuro, para um maior aprofundamento e compreensão do impacto de ler apenas livros escritos por escritoras na vida das mulheres.

Tendo em vista o aumento do hábito de leitura durante a pandemia da COVID e o crescimento de clubes de leitura no Brasil, associados a assinaturas mensais de livros, os dados deste estudo apontam que clubes de leitura com base em princípios feministas se apresentam como uma possibilidade para mobilizar mulheres não somente em relação à desigualdade de gênero na literatura, mas também em relação à desigualdade de gênero na sociedade e as consequências destas para suas vidas, nas percepções de si e da carreira. Além disso, ao observar o atual cenário

científico brasileiro, percebe-se uma escassez de estudos a respeito de pesquisas em clubes de leitura.

Desta forma, os resultados obtidos podem fomentar novos estudos para explorar tal campo. São necessárias mais intervenções que busquem promover um espaço de discussão e compartilhamento de experiências literárias, a fim de incentivar a leitura de autoras, compreender a importância de tal hábito, contribuindo para um movimento de aproximação da noção que o pessoal é político e da necessidade de posturas políticas em espaços como clubes de leitura.

Em relação às limitações do presente estudo, durante a pesquisa, apesar do esforço e cuidado das pesquisadoras em atrair um público diverso e não rotular o clube como feminista, para evitar vieses, a maioria das participantes já se identificava com o feminismo, o que não contribuiu significativamente para avaliar a variação em relação à identificação feminista. Isto também dificultou analisar o impacto da intervenção, que era direcionado a compreender se ler livros escritos apenas por mulheres em um clube de leitura feminista poderia contribuir no desenvolvimento da identidade feminista nas mulheres. Outra limitação identificada é o tamanho reduzido da amostra, o que restringe análises inferenciais, principalmente quanto à autoeficácia profissional e papéis de gênero.

Apesar das limitações, os resultados desses estudos, além de contribuírem para um campo ainda pouco explorado na ciência e na psicologia brasileira, também apresentam evidências de que permanece a marginalização das mulheres no mercado editorial e, conseqüentemente, uma desigualdade de gênero muito forte na sociedade como um todo e no imaginário das pessoas. No entanto, ressalta-se que clubes de leitura com posturas marcadamente políticas podem representar uma importante estratégia para fortalecimento das mulheres, uma vez que possibilita a organização política, aumento das crenças de autoeficácia, reflexão sobre os papéis sociais ocupados, valorização das obras escritas por mulheres e a construção da sua identidade, especialmente como mulheres e feministas.

Para futuras pesquisas, sugere-se intervenções com livros do gênero narrativo, uma vez que a maioria dos livros selecionados no presente projeto foram ensaios teóricos e livros de não-ficção. Seria interessante compreender se a autoeficácia e os papéis de gênero seriam significativamente alterados, tal qual o foram com os livros sobre políticas feministas. Além disso, durante os encontros surgiram, consideravelmente, questões relacionadas à síndrome da impostora, outra variável que não foi utilizada, mas que poderia ser analisada em estudos futuros.

10 Referências

- Adichie, C. N. (2015). *Sejamos todos feministas*. 1ª edição. Companhia das Letras.
- Ambiel, R. A. M., & Noronha, A. P. P. (2012). Autoeficácia para Escolha Profissional: Teoria, Pesquisas e Avaliação. *Psicologia em Pesquisa*, 6(2), 171–178. <https://dx.doi.org/10.5327/Z1982-12472012000200010>.
- Bandura, A. (1986). Social foundations of thought and action: a social-cognitive theory. *Englewood Cliffs, NJ*: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1999), Social Cognitive Theory: An Agentic Perspective. *Asian Journal of Social Psychology*, 2: 21–41. <https://doi.org/10.1111/1467-839X.00024>.
- Barbosa, J. (2020, 25 de junho). *Hábito de leitura aumenta 50% durante a quarentena: veja bons livros*. Metrôpoles. Consultado a 02 de set de 2020. <https://www.metropoles.com/entretenimento/literatura/habito-de-leitura-aumenta-50-durante-a-quarentena-veja-opcoes-de-livros#:~:text=Por%20isso,%20um%20dos%20hábitos,line%20de%20livros%20físicos%20aumentaram>
- Barros, M. C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2013). Construção e validação de uma medida de papéis de gênero. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 317–324. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000300006&lng=pt&tlng=pt.
- Bennett, J. (2016). *Clube da luta feminista – Um manual de sobrevivência para um ambiente de trabalho machista*. Editora Rocco.
- Bezerra, D. B. (2014). Sobre memória: Entrevista com Ivan Izquierdo. *Revista Memória em Rede*, 4(10), 1–15.
- Borges, M. S. (2020). Um teto todo nosso: visibilidade, resistência e subjetivação em clubes de leitura. *Olho d'água*, 12(1) 1–328.
- Brignol, L. D., & Rossi, J. S. (2020). Representação de gênero no mercado editorial brasileiro: reflexões sobre a mobilização social em rede #LeiaMulheres. *NAMID/UFPB (11)*, 139 –155.
- Casiraghi, B., Boruchovitch, E., & Almeida, L.S. (2020). Crenças de autoeficácia, estratégias de aprendizagem e o sucesso acadêmico no Ensino Superior. *Revista E-Psi*, 9(1), 27–38.

- Chronister, K. M., McWhirter, E. H., & Forrest, L. (2006). A Critical Feminist Approach to Career Counseling With Women. In W. B. Walsh & M. J. Heppner (Eds.), *Handbook of career counseling for women* (pp. 167–192). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Dalcastagnè, R. (2005). A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, p. 13-71.
- Dalcastagnè, R. (2007). Imagens da mulher na narrativa brasileira. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, 15, 127–135. <https://doi.org/10.17851/2358-9787.15.0.127-135>
- de Lima, B. L. S., Barreto, E. dos S., da Silva, L. D., dos Santos, S. Íris, & Silva, W. A. S. (2021). Mercado de Trabalho e Gênero: Desigualdade e Estereótipos. *Caderno De Graduação - Ciências Biológicas E Da Saúde - UNIT - SERGIPE*, 6(3), 85-94.
- Downing, N. E., & Roush, K. L. (1985). From passive acceptance to active commitment: a model of feminist identity development for women. *The Counseling Psychologist*, 13(4), 695–709.
- Eagly, A. H., & Crowley, M. (1986) Gender and helping behavior: A meta-analytic review of the social psychological literature. *Psychological Bulletin*, 100, 283–308.
- Eagly, A. H., & Steffen, V. J. (1986) Gender and aggressive behavior: A meta-analytic review of the social psychological literature. *Psychological Bulletin*, 100, 309–330.
- Eagly, A. H., & Wood, W. (2012). Social role theory. In P. A. Van Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins *Handbook of theories of social psychology: volume 2* (Vol. 2, pp. 458-476). SAGE Publications Ltd, <https://dx.doi.org/10.4135/9781446249222.n49>
- Eagly, A. H., Wood, W., & Diekmann, A. B. (2000). Social Role Theory of Sex Differences and Similarities: A Current Appraisal. In T. Eckes & H. M. Trautner (Eds.), *The developmental social psychology of gender* (pp. 123–174). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Falco, L. D., & Summers, J. J. (2019). Improving career decision self-efficacy and STEM self-efficacy in high school girls: Evaluation of an intervention. *Journal of career development*, 46(1), 62–76.
- Figueiredo, K. da S., & Maciel, C. (2018). A autoeficácia no desenvolvimento de carreira e sua influência na diversidade de gênero na computação. *Revista De Educação Pública*, 27(65/1), 365–384. <https://doi.org/10.29286/rep.v27i65/1.6586>.
- Francisco, C. P. (2014). *Viagem Marcada*. Editora Multifoco.
- Freitas, A. (2012). *Um útero é do tamanho de um punho*. Editora Cosac Naify.
- Hooks, B. (2020). *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos. (Obra original publicada em 1952)
- Instituto Pró-Livro [IPL]. (2020). *Retratos da Leitura no Brasil*. 5. ed. 11 set. 2020. https://prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf.
- Kaur, R. (2018). *O que o sol faz com as flores*. 3ª edição. São Paulo: Planeta do Brasil. (Obra original 2017)

- Krug, F. S. (2015). A importância da leitura na formação do leitor. *Revista de Educação do IDEAU*, 10(22), 1–13.
- Lent, R. W., Ezeofor, I., Morrison, M. A., Penn, L. T., & Ireland, G. W. (2016). Applying the social cognitive model of career self-management to career exploration and decision-making. *Journal of Vocational Behavior*, 93, 47–57. doi:10.1016/j.jvb.2015.12.007
- Liss, M., O'Connor, C., Morosky, E., & Crawford, M. (2001). What makes a feminist? Predictors and correlates of feminist social identity in college women. *Psychology of Women Quarterly*, 25(2), 124–133.
- Long, E. (2003). *Book Clubs: Women and the Uses of Reading in Everyday Life*. Chicago: University of Chicago Press.
- Maria, L. d. (2016). Formar leitores e tornar-se leitor – prioridade em qualquer nível escolar e na vida. Maria, L. d. (Eds.), *O clube do livro: Ser leitor - que diferença faz?* (1ª ed., pp. 1-19). Editora Globo. (Obra original publicada em 2013)
- Morgan, B. L. (1996). Putting the feminism into feminism scales: Introduction of a Liberal Feminist Attitude and Ideology Scale (LFAIS). *Sex Roles*, 34(5–6), 359-390.
- Nogueira, C. (2001). Contribuições do Construcionismo Social a uma nova Psicologia do Gênero. *Cadernos de Pesquisa* (112), 137–153.
- Oatley, K. (2016). Fiction: Simulation of social worlds. *Trends in Cognitive Sciences*, 20(8), 618–628. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2016.06.002>
- Organização das Nações Unidas Brasil [ONU Brasil]. (2020). *Coronavírus: declaração de pandemia é chamado à ação, diz secretário-geral da ONU*. Nações Unidas no Brasil. <https://nacoesunidas.org/coronavirus-declaracao-de-pandemia-e-chamado-a-acao-diz-secretario-geral-da-onu/>. Acesso em 02 set. 2020.
- Pajares, F., & Olaz, F. (2008). Teoria social cognitiva e autoeficácia: Uma visão geral. In B. A. Editor, A. R. G. Editor & P. S. Editor (Eds.), *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp. 97–114). Porto Alegre: Artmed.
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (2020, 20 de maio). *Hábito de leitura estimula o cérebro e promove benefícios para a saúde mental - Escola de Direito - Prov. PUCRS*.
- Predictors and correlates of feminist social identity in college women. *Psychology of Women Quarterly*, 25(2), 124–133.
- Reid, A., & Purcell, N. (2004). Pathways to feminist identification. *Sex Roles*, 50(11–12), 759–769.
- Romanelli, M. (2014). *A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea*. Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rossi, T., Trevisol, A., dos Santos-Nunes, D., Dapieve-Patias, N. & Von Hohendorff, J. (2020). Autoeficácia geral percebida e motivação para aprender em adolescentes do Ensino Médio. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(1), 254–263. <http://doi.org/10.14718/ACP.2020.23.1.12>.
- Satrapi, M. (2008). *Persepolis* (3a ed.). Norma Editorial Sa.

- Silva Xavier, A. L. L. (2018). Literatura e feminismo. *Biblioteca Escolar em Revista*, 6(2), 48–61. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2018.151943>
- Teixeira, M. A. (2010). *Escalas de Desenvolvimento Vocacional: Relatório Preliminar*. Manuscrito não publicado.
- Valério, M. (2020). *Homens que nunca conheci*. Editora Patuá.
- Weinberg, D. B., & Kapelner, A. (2018). Comparing gender discrimination and inequality in indie and traditional publishing. *PloS one*, 13(4). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0195298>
- Williams, R., & Wittig, M. A. (1997). “I’m not a feminist, but . . .”: Factors contributing to the discrepancy between pro-feminist orientation and feminist social identity. *Sex Roles*, 37(11–12), 885–904.
- Wood, W. (1987) Meta-analytic review of sex differences in group performance. *Psychological Bulletin*, 102, 53–71.
- Woolf, V. (1928). *Um teto todo seu*. Círculo do Livro S. A.

11 Apêndice

11.1 Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Hábitos de Leitura de Estudantes de Graduação”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Lígia Carolina Oliveira Silva e Dyeinne Pereira Fernandes.

Nesta pesquisa nós estamos buscando mapear os hábitos de leitura de estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19. Em nenhum momento você será identificado (a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

O desenho da pesquisa traz praticamente nenhum risco para o bem-estar de seus (suas) participantes, uma vez que eles (elas) apenas serão solicitados (as) que respondam um questionário, sem se identificar. Nenhum tipo de estratégia adicional será utilizada. Os benefícios serão a contribuição com informações a respeito dos hábitos de leitura das pessoas, especificamente de estudantes universitários.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Dyeinne Pereira Fernandes e Lígia Carolina Oliveira Silva na Universidade Federal de Uberlândia: Av. Pará, nº 1720, bloco 2C, sala 2C23, Campus Umuarama – Uberlândia-MG, CEP: 38400-902, fone: (34) 9 99183-9498, e-mail: dyeinnepf@gmail.com. Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido (a).

Assinatura do (a) participante

Uberlândia, ____ de _____ de 2020.

11.6 Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada “Hábitos de leitura e o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura nas percepções de si e da carreira”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Lígia Carolina Oliveira Silva e Dyeinne Pereira Fernandes.

Nesta pesquisa nós estamos buscando analisar o impacto da participação de mulheres em um clube de leitura feminista nas percepções de si e da carreira. Em nenhum momento você será identificada. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

O desenho da pesquisa traz praticamente nenhum risco para o bem-estar de suas participantes, uma vez que elas apenas serão solicitadas que respondam um questionário antes do início do projeto e após sua realização, sem se identificar. Nenhum tipo de estratégia adicional será utilizada. Os benefícios serão a contribuição com informações a respeito de possíveis variáveis que afetam a relação entre as mulheres e sua carreira, permitindo pensar maneiras de aumentar sua realização.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Dyeinne Pereira Fernandes e Lígia Carolina Oliveira Silva na Universidade Federal de Uberlândia: Av. Pará, nº 1720, bloco 2C, sala 2C23, Campus Umuarama – Uberlândia-MG, CEP: 38400-902, fone: (34) 9 99183-9498, e-mail: dyeinnepf@gmail.com. Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecida.

Assinatura da participante

Uberlândia, ____ de _____ de 2021.

11.1 Apêndice C – Questionário sócio-demográfico

1) Nome completo: _____

2) Qual o seu sexo? _____

3) Qual a sua idade?

- Até 17 anos de 18 a 24 anos de 25 a 35 anos
 de 36 a 50 anos a partir de 51 anos

4) Qual região você reside?

- Sul Sudeste Nordeste
 Centro-Oeste Norte Fora do Brasil

5) Considerando a classificação usada pelo IBGE, como você define a sua cor?

- Branca Negra Parda
 Amarela Indígena

6) Estado civil:

- Solteira União Estável Divorciada
 Casada Outro – Qual? _____

7) Escolaridade:

- Ensino fundamental completo Ensino médio completo
 Cursando ensino superior Ensino superior completo
 Cursando pós-graduação Pós-graduada

8) Filhos:

- Sim Não

9) Qual sua área de conhecimento?

10) Você possui vínculo empregatício?

- Sim Não

11.2 Apêndice D – Orientações para a convivência de grupo

Orientações para a convivência de grupo

Clube de Leitura Feminista

1- Pontualidade: é de suma importância que você esteja conectada à sala virtual pontualmente. Para auxiliar nisso, sugerimos que você se organize para se conectar com pelo menos 10 minutos de antecedência para podermos testar seu áudio e vídeo.

2- Empatia: ter uma escuta empática e não fazer julgamentos é fundamental para que todas se sintam confortáveis. Esse espaço é feito por nós, fique a vontade para compartilhar o que você quiser sobre a temática.

3- Deixe sua câmera ligada sempre que possível. Esse é um modo de nos aproximarmos nesse novo formato de prática.

4- Permanência: para um melhor aproveitamento do nosso encontro, é importante que você se organize para estar presente durante o encontro todo. Pois, entradas com atrasos ou saídas antes do término, interferem na qualidade do encontro, muito mais do que já interferia nos encontros presenciais.

5- Organização: os livros dos nossos próximos encontros estão definidos, sugerimos que vocês adquiram ou procurem eles em meios digitais para que em cada encontro possamos conversar a respeito.

6- Aproveite os encontros para refletir sobre seus próprios atravessamentos com o tema!

11.3 Apêndice E – Desafio 1

Se você tirar da sua prateleira todos os livros escritos por homens, quantos sobram?

No final do nosso primeiro encontro do Clube de Leitura Feminista, sugerimos o desafio da @eulittera : "se você tirar da sua prateleira todos os livros escritos por homens, quantos sobram?". Esse exercício prático foi uma forma de sensibilizar nossa comunidade sobre quem são nossos (as)

autores (as) preferidos (as). Lemos livros escritos por homens na mesma proporção que lemos livros escritos por mulheres?

11.4 Apêndice F – Desafio 2

Como seria o mundo para você se criássemos crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero?

A partir da nossa última leitura,

A questão de gênero está presente na nossa vida em muitas camadas diferentes: na história da nossa sociedade, na forma como nos vemos, no trabalho, em casa, na mídia e nos nossos relacionamentos. Não tem como escapar! Para a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, autora do livro “Sejamos todos feministas”, é importante que comecemos a planejar e sonhar com um mundo diferente:

“Costumava observar minha avó, uma mulher brilhante, e ficava imaginando o que ela poderia ter sido se durante a juventude tivesse tido as mesmas oportunidades que os homens. Hoje, diferente do que acontecia na sua época, há mais oportunidades para as mulheres — houve mudanças nas políticas e na lei, que foram muito importantes.

Mas o que realmente conta é a nossa postura, a nossa mentalidade. E se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gênero?” (Adichie, 2015, p. 38)

O que as perguntas da autora te provoca? Como seria o mundo para você se criássemos crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? Gostaríamos de te convidar para responder essa questão por meio de recursos artísticos: um desenho, uma tirinha, escrever uma poesia, crônica, etc. O que acha? Vamos planejar e sonhar com um mundo diferente?

Atenciosamente,

Equipe do Clube de leitura Feminista

11.5 Apêndice G – Desafio 3

Desafio da playlist

Inspirado na leitura do livro “O feminismo é para todo mundo” da Bell Hooks e convidamos vocês a adicionarem uma música (ou mais) na playlist abaixo, que faça pensar sobre princípios feministas.

Deixamos as perguntas para ajudá-las no desafio:

1. Qual música te faz refletir sobre ser mulher?
2. Qual música te dá força em momentos difíceis?
3. Se pudesse escolher uma música para contar sobre feminismo sem mencionar o que é feminismo, qual seria?

12 Anexos

12.1 Anexo A – Questionário de Identificação feminista

Identificação Feminista

De 1 a 6, o quanto você concorda com a seguinte afirmação? Sendo 1= discordo totalmente e 6 concordo totalmente.

Discordo totalmente					Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6
	1) Não sou feminista, mas apoio os ideais do movimento				
	2) Eu me autodeclaro feminista				
	3) Eu não apoio os ideais feministas				
	4) Eu não considero o feminismo algo importante				

Das quatro afirmações acima, qual te descreve melhor?					
	1) Não sou feminista, mas apoio os ideais do movimento				
	2) Eu me autodeclaro feminista				

	3) Eu não apoio os ideais feministas
	4) Eu não considero o feminismo algo importante

12.2 Anexo B – Escala de Papéis de gênero

Papéis de gênero

Responda agora, de 1 a 7, o quanto você concorda que as expressões abaixo te descrevam? Sendo 1= discordo totalmente e 7= concordo totalmente.

Discordo totalmente						Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6	7
	1) Sensível					
	2) Acolhedor (a)					
	3) Amável					
	4) Intuitiva (o)					
	5) Compreensiva (o)					
	6) Emotiva (o)					
	7) Afetuosa (o)					
	8) Autoconfiante					
	9) Líder					
	10) Com poder					
	11) Administrador (a)					
	12) Prática (o)					
	13) Livre					
	14) Que gosta de correr riscos					

12.3 Anexo C – Escala de Autoeficácia profissional

Autoeficácia profissional

Responda os itens a seguir marcando o número que melhor representa a sua opinião. Você pode usar os números 1, 2, 3, 4 ou 5, dependendo do quanto você discorda ou concorda com as afirmações. Sendo (1) Discordo totalmente, (2) Mais discordo que concordo, (3) Em dúvida, (4) Mais concordo que discordo, (5) Concordo totalmente.

Discordo totalmente		Em dúvida		Concordo totalmente
1	2	3	4	5
	1) Eu me considero uma profissional bem preparada na área em que atuo ou pretendo atuar.			
	2) Acho que não tenho conhecimentos suficientes para exercer minha profissão satisfatoriamente.			
	3) Eu percebo que tenho qualidades pessoais importantes para exercer bem a minha profissão.			
	4) Eu domino as habilidades necessárias para exercer a minha profissão eficazmente.			
	5) Eu me sinto insegura para exercer a minha profissão.			
	6) Eu me considero capaz de lidar com situações novas para mim em minha profissão.			
	7) Tenho medo de não ser competente na minha profissão.			
	8) Eu me sinto capaz de executar satisfatoriamente as tarefas relacionadas à minha profissão.			
	9) Sinto que tenho ou terei dificuldades para me desempenhar bem em meu papel profissional.			
	10) Eu me sinto confiante para solucionar problemas e tomar decisões no dia-a-dia da minha profissão.			